ANNAES

DA

BIBLIOTHECA NACIONAL

DO

RIO DE JANEIRO

PUBLICADOS SOB A DIRECÇÃO DO

BIBLIOTHECARIO

DR. F. L. BITTENCOURT SAMPAIO

Litterarum seu librorum negotium consuetudines hominis esse vilem.

(PHILOBIBLION, CAP. XVI)

1886 — 1887

VOLUME XIV

(Fasciculo N. 1)

SUMMARIO — CARTAS ANDRADINAS

RIO DE JANEIRO

Typ. de G. Leuzinger & Filhos

1890

ANNAES

DA

BIBLIOTHECA NACIONAL

DO

RIO DE JANEIRO

ANNAES

DA

BIBLIOTHECA NACIONAL

DO

RIO DE JANEIRO

PUBLICADOS SOB A DIRECÇÃO DO

BIBLIOTHECARIO

DR. F. L. BITTENCOURT SAMPAIO

Litterarum seu librorum negotium concludimus hominis esse vitam.

(PHILOBIBLION, CAP. XVI)

1886 — 1887

VOLUME XIV

RIO DE JANEIRO

Typ. de G. Leuzinger & Filhos

1889

CARTAS ANDRADINAS

ADVERTENCIA

No volume XIII dos *Annaes da Bibliotheca Nacional* publicámos as interessantissimas *Memorias de Drummond*, que, tratando da vida d'aquelle nosso Diplomata, estão cheias de informações referentes á época da nossa independencia e ao primeiro reinado no Brazil.

Publicamos agora as *Cartas Andradinas*, ou correspondencia particular dos tres Andradas, José Bonifacio, Martim Francisco e Antonio Carlos, dirigida ao mesmo Drummond, e escripta pouco mais ou menos sobre a mesma época que as *Memorias*.

Ambos estes codices foram adquiridos pela Bibliotheca em Junho de 1883, por compra feita ao Snr. Dr. A. J. de Mello Moraes Filho, que os recebêra em herança paterna.

Os originaes poderão ser consultados pelos curiosos na Secção de Manuscriptos, onde são cuidadosamente conservados.

Como appendice ás *Cartas Andradinas* damos ainda um fragmento das memorias de Drummond sobre a abdicação do primeiro Imperador, não menos importante para o estudo d'aquelle tempo. Esse trecho, porém, já foi publicado na *Gazeta Litteraria*.



I

JOSÉ BONIFACIO DE ANDRADA E SILVA

Meu caro Snr. Menezes.

Amigo do coração, não tenho escripto a V. S. porque por mim o faria Antonio Carlos; agora porém que na sua de 26 de Agosto parece inculpar-me de falta de confiança e amizade, é justo que saia eu da santa mandrieira, e que me defenda da sua injusta accusação.

Não foi por desamor, ou por não fazer conceito no seu zelo e conhecimentos, que eu me dirigi a Borges de Barros, para me informar do estado das sciencias naturaes presentemente em França; mas sim, parte por politica e parte porque tendo elle seguido esta carreira em Coimbra e em Paris, poderia satisfazer a minha commissão, que não era o enviar-me um catalogo de autores.—Aqui tens a verdade nua.

Passemos a outras coisas; e quanto ao retrato, no Rio de Janeiro deixei 2 meus, um feito em Lisboa, que está arruinado no busto, mas não nas feições, outro que fez o Silva do Rio, e o 3.° quasi acabado, que pára em mão de Madame *Taulet*, que o tirou; quanto ás traducções approvo ambas... pelo que diz respeito á de Botanica, póde servir... a de seu Mano dos Elementos de Botanica, impressa em Paris em 2 volumes de Oitavo pelo B...... e tambem da sua obra de Physiologia vegetal, impressa em Lisboa ou Coimbra, que ha de parar na Livraria Publica de Paris.—Eu cá não tenho alguma; porém se quizer mandar-me o Ms. o emendarei, como me for possivel. Lembro-lhe que seria util traduzir a minha carta—*Doutor da roça*, e a *de João Claro*, com notas illustrativas, e imprimil-as em Londres.

Rogo-lhe que saiba se já ha nomeações de Deputados nas Provincias do Sul, principalmente de S. Paulo, e quaes são; e como tambem creio que meu irmão Antonio já terá escripto ao bom amigo Rocha, ou a V. S.ª sobre a carta anonyma que me veiu dirigida, ameaçando-nos que não vamos ao Brazil, porque somos detestados por todos os partidos, e porque seremos assassinados em qualquer parte onde desembarcarmos; (a qual carta tenho motivos ponderosos para crer que sahiu da Fabrica do Borges de Barros. Rogo a V. S.ª e ao dito Sr. Rocha, queiram com muita dexteridade sacar isto a limpo. Queira comprar-me a obra de D'Aubuisson, *Traité de Geognosie*,

2 vol., 8.º; a parte do *Bulletin universel des sciences et de l'industrie*, que trata das sciencias naturaes, que faz 3 volumes e custa 22 fr.; emfim os *Elements de Minéralogie de Beudant*, que estão a sahir da impressa. Eu satisfarei isto do modo que me quererá indicar.

Adeus, meu bom amigo e companheiro de *malheur;* aceite o coração do seu

Verdadeiro Ven.or e *Brasileiro*

J. B. de Andrada.

Bordéos, 1 de Setembro de 1824.

Ill.mos Snrs. Rocha e Menezes.

Meus bons amigos, esta carta vai commum de dous; e começando pelo Snr. Rocha direi: Ill.mo, Vossa Senhoria é como os oraculos do Paganismo, que emmudeceram com a vinda de Christo; assim V. S.a com a sua ida a Paris, ou Deus sabe se com os seus novos conhecimentos *utriusque sexus*. Quando vou as vezes a Bordéos, que não são muitas, pergunto sempre: — Escreveu o amigo Rocha? — Não senhor, é o que se me responde. Ora pois, é preciso que um preguiçoso como eu vá espertar outro. Muito folguei saber que o nosso Innocencio já está por esses mares de Christo; e espero a sua feliz viagem lhe seja proficua, a'elle, a V. S. e tambem a mim, pois creio que só por sua actividade e zelo poderei cobrar alguma coisa da nossa pensão. Como agora circulam em segredo por aqui noticias ominosas do Brazil, é facil em Paris saber o que ha na materia; e portanto rogo que se communique quanto antes para meu governo. Passemos ao Snr. Menezes. — Ill.mo, eu lhe agradeço muito a remessa dos livros, e tinha mais outra encommendinha a fazer-lhe; mas antes d'isto cumpre que me diga o que importa a primeira e a quem devo entregar o dinheiro; demais convem que tambem calcule com a minha bolsa tisica. V. S. tem sido muito injusto em accusar os amigos de fraquezas da carne, quando por cá sôa que lá se gasta com comidinhas ou confeitos de Endoenças. *Item* quanto ao que me diz sobre a carta anonyma; ainda persisto nas minhas suspeitas; pois a letra, bem que disfarçada, é a mesma do sujeito em que fallei; e muito me pesa que ella se tresmalhasse, porque lh'a remetteria a galejos.

Quanto á minha nomeação para senador, confesso que me fez algum bem ao coração ver que os Bahianos não se esqueceram de todo de um homem, que tanto gritou e forcejou para que fossem soccorridos contra os Vandalos de Portugal; mas, como o que por ora ambiciono é ir acabar os meus cansados dias em um cantinho bem escuro e solitario da minha bestial Provincia; e portanto rogo a Deus que S. M. Imperial me queira preterir na escolha.

Quanto ao retrato, condescenderia de boa mente aos seus desejos; mas não me é possivel por ora, não só porque habito no campo, mas principalmente porque a magra bolsa não consente bazofias.

Saberão V. S.as ambas que a solidão do campo me tem trazido de novo a mania antiga de poeta, com que espanco lembranças afflictivas, que de quando em quando me assaltam. Traduzi a 1.a Ecloga de Virgilio, e estou com a 2.a entre mãos; tambem me abalancei ao trabalho herculeo de traduzir a Ode das Olympicas de Pindaro, apezar das falhas e mazellas da lingua portugueza, e estou com a 1.a das Pythicas do mesmo autor. Quero que os nossos compositores de Odes pseudo-pindaricas leiam o que são as Odes verdadeiras de Pindaro. Tenho feito muitas outras coisinhas, como Odes Saphicas e Anacreonticas; tenho revisto as minhas antigas composições que destino para a impressão; e por fim, no mez passado, escrevi uma longa carta em verso a um sonhado amigo do Rio, que não me desagrada pelos rasgos de poesia e philosophia que encerra, e pela pintura da nossa viagem deportatoria. Logo que a tiver copiado em limpo, lhes enviarei com a promessa porém antecedente, de que não ha de sahir das suas mãos por ora, pois assim me convem.

Adeus, meus caros Snrs.

Seu amigo e cr.º

J. B. de Andrada.

Canderan, 23 de Outubro de 1824.

Ill.mo

Bordeaux, 13 de Outubro
de 1824

Rue du Palais Galien
N.º 168.

Recebi com muito gosto a sua carta tambem commum de dois de 6 do corrente, porque nella me dá V. S.a esperanças de que bem cedo terei o gosto de abraçal-o nesta vinhosa cidade, ourinol do mundo; e para então guardo mostrar-lhe as minhas novas poesias, e principalmente a Epistola a

Lucindo; pois, além de as não ter ainda posto a limpo, não julgo prudente confial-as ao correio, de quem muito desconfio, segundo o que me avisa a este respeito. Se estivera em Paris, e com a bolsa menos magra, já as teria impresso, antes que levessem todas o mesmo caminho que já por trés vezes tiveram as outras. Aqui a impressão é mais cara; todavia, se receber algum dinheiro do Brazil, de certo farei imprimir duzentos exemplares para repartir com alguns amigos; *que para los otros me cago io*, como diria o castelhano com os santos que tinha mettido na monteira. Vamos aos livros: aqui darei ao Balguerie os 46 ½ francos para que lh'os remetta; e, como não devo abusar da sua generosidade para o privar do dinheiro, que muito lhe será preciso em um paiz em que elle tanto vale, apezar da precisão da edição de Pindaro por Heine, V. S.ª o não compre, porque é assaz caro por 36 fr. As obras de Virgilio de Voss, em que me falla, será a traducção da Eneida, que não tem notas nem o texto ao lado; as outras obras são poesias de..... que tenho no Rio. Ora diga-me: como quer por ora que cuide da historia da Revolução do Brazil, *cujus pars magna fui*, nas actuaes circumstancias, sem documentos originaes, nem sequer Gazetas e impressos do tempo? Ainda peior é ler as mentiras do *Annuaire historique* e não podel-as confutar. O que me diz a respeito da infame aprehensão das cartas para o Brazil, tambem cada vez mais me convence da parte que teve na copia e remessa da carta anonyma; mas cumpre dissimular por ora. Como estou certo que os Bahianos me nomearão Deputado, apezar das ameaças da dita carta, estou resolvido a ir ao Brazil; e lá verei se devo ficar em tal Paiz, ou vender os meus tarecos e abalar para Colombia, paiz quente e proprio para um velho rheumatico, e sobre tudo paiz Americano e Livre. Sinto muito que tenha soffrido muito dos olhos; e, para os não fatigar com as minhas rabiscas, serei mais breve do que talvez seria nesta carta.

Tornando outra vez à remessa de livros, rogo-lhe que assigne e me remetta a parte do *Bulletin des sciences historiques, antiquités, philologie*, etc., e veja entre os Livreiros de livros allemães, se tem a obra de Mohs—*Grundriss der Mineralogie* — Fundamentos de Mineralogia, dois volumes em 8.º, caso estejam já completos neste anno.

Como ainda ha muito papel em branco, que deve pagar ao correio, apezar dos seus olhos, vou copiar lhe aqui a Dedicatoria, que hei de pôr ás — *Poesias avulsas de Americo Elysio*.

Brazileiros—Costumavam os Gregos e Romanos do bom tempo antigo dedicar suas obras a seus naturaes e amigos; porque a adulação e o interesse não aviltavam então as letras e as sciencias. Os validos da fortuna, a cujas abas se acoitam hoje os peralvilhos litterarios, se não tinham verdadeiro merito, não recebiam, nem pagavam louvores mentirosos. Mas, se no meio da corrupção moderna não pode obstar o escriptor que os escravos lisongeiros ou estai-

mados não enxovalhem a razão e as boas artes, ao menos deve alçar a voz para atacar o crime e ridicularizar o vicio; e, quando Apóllo o inspira, deve então em seus versos animar a virtude e deleitar o coração.

Que eu seja vosso amigo, ó Brazileiros, algumas provas tenho d'isto dado: e para as continuar d'aqui, onde minhas circumstancias me não permittem mais, ouso offerecer-vos estes poucos e desalinhados versos — *furtados restos do traquete roto* —, que me ficaram de tres naufragios ou roubos successivos, que de todos os outros deram cabo. Nelles fui assaz parco em *rimas*, porque nossa lingua, bem como a hespanhola e italiana, não precisa, absolutamente fallando, do *sonsonete* dos consoantes para fixar a attenção e deleitar o ouvido. Quanto á monotonica regularidade das Strophes ou Estancias, que seguem os Italianos e Francezes, d'ella ás vezes me apartei, usando da mesma soltura e liberdade, que depois vi abraçadas por um Scott e um Byron, cysnes da Inglaterra. Devo tambem prevenir-vos, para desencargo da minha consciencia, que se d'antemão não tiverdes saboreado os Psalmos, o Cantico dos canticos, o Livro de Job, e alguns pedaços mais, que formam a parte poetica da Collecção Hebraica, a que damos o nome de *Velho Testamento*; ou folheado os Rithmos, metros da antiga Grecia e Roma, ou pelo menos os poemas da soberba Albion e da Germania remoçada, certo não achareis o menor sabor epico nos versos que ora vos dedico. Quem folgar de *Marinismos* e *Gongorismos*, ou de — pedrinhas no fundo do ribeiro — dos versejadores Lusitanos de freiras e casquilhos, fuja d'esta mingoada Rhapsodia, como de febre amarella. Deus vos ajude.

Americo Elysio.

Aproveitemos o papel; e eis aqui vai uma Odé Saphica, que tem por scena o seu Rio de Janeiro.

Ode á rolla

Tu que te apressas d'onde longe ousada
Dize para onde, sacudindo, voas,
Tantos aromas de sabea origem,
Doce rollinha?
Entre a plumagem de arroxadas côres,
Alegre mixes pallidas violas!
Porque no bico de romã tu levas
Jamins e rosas!
Ella responde: Vou seguindo, amigo,
Não meus caprichos, obedeço ao mando
Imperioso de meu caro Amo,
De Nise escravo:

6

Nize formoza, Nize que domina
Livres vontades, e com meigo riso
As iras vence de Cupido, e vence
Mortaes e Deoses.

Des'd'os pendores da gentil *Tijuca*
Vim ao chamado do meu grão Poeta:
Meigo me trata; porém eu submissa
Senhor o chamo.

Elle me ordena, que á sua Nize leve
Carta nascida de seu brando peito,
Puro amoroso, cuja doce Musa
Canta suave;

Quando entre as penhas resoando a Lyra,
Amor celebra em *Catumbi* ditoso;
Ou nas sombrias sempre verdes margens
Do seu *Cattete*.

Jurou-me firme de outorgar-me agóra
A liberdade, se esta carta entrego;
Mas eu que pezo com juizo as coisas,
Eu não a quero.

De que me serve combater c'os ventos,
Soffrer os frios da empinada serra;
Comer faminta, de bichinhos cheias
Bagas agrestes!

De que me serve recrear os Echos
D'essas montanhas com lascivo arrulho;
E em duras garras do gavião pirata
Perder a vida?

Mais vale escrava do meu bom Jesino
Cumprir honrada e bem leal seus mandos;
E no seu terno bondadoso seio
Comer suave.

Sentado á mesa elle commigo brinca,
Eu lhe arrebato o seu melhor bocado,
Eu pico os dedos, eu a mão lhe piso,
Beijo-lhe a boca.

Terno me anima: se doudices faço,
Não me castiga, nem se quer se enfada;
Antes em taça de Madeira loiro
Logo me brinda.

Phebo brilhante se o calor augmenta,
Faço-lhe sombra co'as amigas azas;
E se da noite vai crescendo o frio
Tambem o aquento.
Assim eu vivo regaladamente,
Livre de laços, livre de perigos
Durmo tranquilla, ou de sentinella
Guardo-lhe a Lyra.

Outra Anacreontica

Os brincos, os arrufos,
Os beijos e os abraços,
Os odios e caricias,
Ternos *quindins*, denguices
Eu já contei de Nize:
Ah! faze meiga Venus,
Que ella me dê amores,
Já que lhe dei a Lyra.

P. S. — Vai fechada com lacre e figura de 3$200.

Senhores meus, e Amigos do coração

Bordéos, 20 de Janeiro de 1825.

Estamos entrados em novo anno, que prognostica felicidades para a America e talvez desordens novas para a Europa. Deus nos fade bem em geral, e a V. S.ª, a um de melhor saude, para ter o gosto de abraçal-o aqui, e a outro novas forças para os combates amorosos, e boa ventura em encontrar novas *sarabuchas*, que não precisem dos talentos officiosos das modistas para empolpar partes chatas, *scilicet, mamas e c.*, e talvez *pernas*. Ha muito tempo que desejava escrever-lhes, sobre tudo ao nosso doente, que talvez praguentos digam que se lhe alteraram os humores com as muitas indigestões de *fructa nova*; eu sem ella, e só pelo muito frio e humidade, tenho soffrido muito das minhas antigas mazellas de hemorrhoides e rheumatismo; de modo que até as mãos se têm entorpecido e recusam escrever. Mas, já envergonhado da minha apathia, dei um pulo da cama, puz-me ao borralho, e vou satisfazer, como posso, as necessidades do coração. Eis aqui tambem as razões por que ainda

não pude responder ao amigo e honrado Vidigal, a quem escreverei a Roma, e mandarei a carta a Paris, para d'ahi ser-lhe enviada; e tambem ao Raymundo, a quem dará muitas saudades nossas; pois minha mulher nunca se esquece da amizade e estima que sempre teve pela sua digna Mãi e amavel familia.

Passando a outro assumpto, meus bons Snrs., que noticias me dão das nossas camaras? Morrerão á nascença? Por que razão, ao menos, a Camara da Bahia me não tem enviado o Diploma de Deputado eleito? Talvez o Borges saiba d'isto, pois devia ter a participação da sua escolha de senador. Quaes foram os Deputados nomeados por S. Paulo e Minas? E esta ultima provincia não se abalará com a nova desordem da Bahia? Tudo isto ignoro; e eu estou no limbo, sem gozar porém do socego que alli gosam os innocentes, que morreram sem baptismo.

Até para mais penas sentir, como dizem, não sei o que foi feito das pensões; e começo a temer que só se pagou ao amigo e Snr. Rocha, que tinha então o tio alcaide. A proposito, que digno successor teve este no Ministerio? Com effeito, se eu fôra Leibnitziano, já tinha endoidecido; pois vejo tanta coisa, e não vejo a *Ratio sufficiens* de coisa alguma. Paciencia, vamos vegetando até que chegue a resurreição da carne e o dia de juizo.

Meu caro Sr. Menezes, agora vou incommodal-o de novo, rogando-lhe queira pelo seu Mano, a quem me recommendará, fazer comprar-me o *Bulletin général et universel des annonces et des nouvelles scientifiques*, que forma o anno 1823 e custa 90 fr.; e quanto á continuação da subscripção, se se puder subscrever por 6 mezes, queira assim fazer; se não, veja se compra cada caderno de per si, para m'os remetter; porque eu não sei se ficarei em França este anno em que estamos; o que Deus não permitta. Rogo-lhe tambem me queira comprar a obra nova de Brogniart—*Introduction à la Minéralogie*—Paris, 8.°, chez Levrault. Tenha paciencia com tanto incommodo, e com o desembolso em que está; pois satisfarei a tudo agradecido. Tambem peço que queira ler o n.° 1.° ou 1.ª Livraison da *Histoire des plantes les plus remarquables du Brésil et du Paraguay*, de St. Hilaire, onde vem uma vista de olhos sobre a vegetação em geral do Brazil, que traz muitas noticias importantes até para quem não é botanista; e diga-me depois o que lhe parece, e o quanto custa.

Adeus, meus bons amigos; queira o Céo que um de V. S.as recobre a saúde; e o outro a conserve sempre, para que eu os possa abraçar bem cedo, e desenferrujar a lingua sobre o que tanto nos importa, como é o Brazil. O Rapazinho tem com que occupar-se agora com o *Patriota Portuguez*, que vão incendiar até aos pés de chumbo. Assim o quiz, assim o tenha.

P. S. Saudades do Belchior e de toda a gente da casa.

Seu de coração

ANDRADA.

Ill.mo

7 de Outubro de 1825.

Ha 15 dias que escrevi ao amigo e Snr. Menezes, remettendo-lhe o resto do opusculo sobre a escravatura, de que não conservo borrão, e até hoje nada de resposta. Igualmente são hoje 7 de Outubro, e ainda não recebi os numeros do *Bulletin* do mez de Agosto, nem os outros que mandei assignar e que deverião vir desde Janeiro d'este anno até Setembro pelo menos! Qual será o motivo d'esta falta de resposta e de remessa? Estará doente, o que muito sentirei? Mas então ahi estava V. S. para fazer as suas vezes; queira pois, meu bom amigo, tirar-me d'este estado violento.

Passando a outras materias: então que lhes parecem as noticias dos jornaes sobre as negociações de Lord Stuart? Seremos atados ao cepo de Portugal; e o *Defensor perpetuo* (nome emphatico!) dará em droga? Pobre Brazil! O que diz o *Brasileiro*, que julgo conhecer, acerca d'isto é singular, mas não responde a nada; só admiro a bondade com que elogia ao *bambo mulato* e seus companheiros em *luzes, patriotismo e virtudes*.

Adeus; se souberem alguma coisa, digam; e não cuidem só nas Magas e Lucrecias de Paris.

Seu, ANDRADA

Ill.mo Snr. Menezes

Recebi as suas juntas de 6 do corrente, e no outro dia os livros, com que muito folguei. — A traducção do Leitão é dura como um corno e muitas vezes infiel; a franceza é delambida, mas igualmente infiel e parafrastica; assim, veja o amigo e Snr. Menezes se a traducção allemã de Voss se poderá comprar com a das Georgicas sómente, ou quando muito com a da Eneida; porque todas as obras de Voss juntas custam um dinheirão, com que eu não posso. Cuidei que a collecção das viagens novas por Eyriès seria mais ampla; é muito magra em factos e pouco vale; — os novos Annaes são boa obra; mas é muito cara a collecção, para quem deve comprar o atrasado. Ora, Snr. Inglez, pois que está em Paris, é tempo de tirar a conta do que lhe devo, pois quero saber a quantas ando; e antes d'isso nada de livros de Londres. *A nhanhã* Amalia diz que não quer nada nem de Francezes, nem tambem de Inglezes, que atraiçoam o Brazil, e que se contenta com a lingua

de Nossa Senhora, que é a lingua do seu *Thomé*, e que é tambem a da Sinhazinha do Rio...... A *Representação* é tão pouca coisa que não merece os typos de Didot; e, quanto aos exemplares que para mim quer guardar, basta que sejam 20, e em papel ordinario; pois pouca gente ha a quem eu faça presente d'elles. Todos os de casa, a quem fiz sciente das suas lembranças, agradecem a V. S.ª o seu mimo, e sentem muito que o rheumatismo já o tenha assaltado de novo; e, como a Italia é tambem desabrida de inverno e hoje inhospita para os homens do seu modo de pensar, ellas de novo o convidam para vir para Bordéos, onde tem havido o mais bello tempo do mundo; e eu accrescento, como interessado da sua companhia, que estou prompto, para obrigal-o, até a aceitar que!!... faça bolsa comnosco, como estudante de Coimbra. Hontem jantaram aqui a Pepita e irmã, marido e cunhado, Valdez e Baranda, a Amazona e boa Bellard com o devoto gratissimo Franzine; mas não dei a Pepita o seu recado sobre o crociato in Egitto, etc., porque tenho mais misericordia com o meu proximo.

Vamos ao amigo e Snr. Rocha, que terá esta por suas; as cartas que recebi do Brazil nada dizem; porque o terror *robespierriano*, que reina no Rio, ata as linguas d'aquella pobre e timida gente; e até os obriga a mentir talvez, porque José Ricardo se queixa de não ter recebido cartas minhas, quando eu lhe escrevi não menos que duas, uma pela via de Inglaterra e outra em direitura d'aqui. O Jornal de hoje traz noticias de 24 de Agosto do Rio de Janeiro, e nada de novo sobre a famosa Tratada de Lisboa, com que o perfido Gabinete de Londres procura engodar o Brazil, — para repartir a carga do agonisante Portugal, que tanto lhe pesa nos hombros, com os estupidos poltrões do grande Imperio nominal do Equador. Como tem chegado embarcações de Pernambuco e da *Tatamba* Bahia, se circularem por ahi noticias que consolem uma alma do Purgatorio, queira communicar-me; assim como o motivo que tem V. S.ª para suppôr que eu possa ir este inverno a Paris.

Adeus, meu bom amigo; cuide da sua saude e faça o que lhe propomos para seu bem.

Talance, 17 de Outubro de 1825.

Seu do coração

ANDRADA.

P. S. — Saudades aos mais senhores. Diga ao Juvencio que deixe de ser muito parisino nos pés e nos cabellos. Meus irmãos ainda não vieram de Mucidan, porém consta-me que vem adiante como Aposentador-mór o Antonio.

Meu caro Am.º e Snr.

Talance, 14 de Novembro de 1825.

Estou devedor a V. S.ª da resposta das suas duas ultimas cartas de 24 do passado e do 1.º do corrente, a que vou satisfazer do modo possivel, e quanto permittam os frios, que já me têm ou na cama ou junto ao borralho. Já lhe enviei 2 exemplares das minhas poesias, e estou esperando a remessa dos 20 da minha *Representação*, os *bulletins*, e o *Voss*, se o puder comprar, segundo disse. Estou mais satisfeito com a collecção das viagens de Eyriès, e quando sahir o volume 14, rogo-lhe que m'o compre.

Mas tudo está optimo, excepto o não saber eu o que lhe devo para desonerar a sua bolsa, que não será muito gorda, e saber regular-me para o futuro na minha *bibliomania*; assim, meu caro senhor, saia de casa e vá aos livreiros buscar as clarezas necessarias.

O que me escreve do patriotismo do bom jumento, na phrase do......, não me admira, porque ha muito tempo que conheço a besta; — faça inculcar-lhe que não basta cuidar de fazer bons dansarinos dos Pensionarios, e aquentar-lhes o quarto; cumpre que tambem entre em negociações diplomaticas de pu..... para aquentar-lhes a cama sem prejuizo da saude; para o que tem sua habilidade, se me lembro da bondade com que me tratou em Coimbra no inverno de 1801; — os grandes Bahianos têm talento e prestimo para tudo. Quanto á lembrança do diccionario dos termos proprios da lingua *tatambira* de Nossa Senhora é lembrança felicissima e propria de um *génie* Bahiano, agradecido ao sangue Ussá e Cayapó. Eu bem quizera recolher por cá esses [illegible] termos, mas a Snr.ª D. Maria Amalia é inexoravel neste artigo, e enfada-se seriamente com as minhas rogativas e com o sorriso sardonico do Snr. Bispo de S. Paulo, o qual diz que nem para ensinar Portuguez têm geito as bellas de Bordéos; e convida a V. S.ª venha encarregar-se d'este trabalhinho, pois a gentil Amazona não é insensivel ás saudades, que lhe deixou o doente dos oculos verdes. Deixe portanto a Paris, pois já tem tido tempo de os contemplar, não vestidos á *[illegible]*, como se mostram no principio aos estrangeiros, mas em *robe de chambre*, com todas as suas ridicularias e mazellas; venha á Talance, e creia que o meu convite é cordial e sincero. Como me diz que a carta para José Ricardo, que foi por via de Londres, fôra entregue, e deseja saber a data da sua ultima d'elle, digo-lhe que é de 5 de Julho d'este anno.

Emfim, poz o ovo a grã pata e veiu á lume o decantado Tratado, que sahiu melhor do que esperava; — ao menos temos Independencia reconhecida, bem que a soberania nacional recebeu um coice na bocca do estomago, de que não sei se morrerá, ou se se restabelecerá com o tempo; tudo depende da conducta futura dos Tatambas. Que galantaria jocosa de conservar João Burro o titulo nominal de Imperador, e ainda mais de convir nisso o P. malasartes!

Mas, com esta farça o astuto Canning *escamoteou* o reconhecimento a Vienna e Paris. Se for certa a amnistia de Pernambuco, creio que Stuart a ampliará com mais justiça a todos os fugitivos e deportados, que não têm nem vislumbre de crime. — O peior é, segundo os infaustos vaticinios do meu Tibiriçá, que talvez o Senhô Imperadô, para se lavar do crime de ingrato, não se lembre de mim para alguma coisa publica, o que já agora me assusta; pois o que só desejo é ir acabar os meus cansados dias de jaleco e bombachas de algodão nos meus outeirinhos.

Narcisa lhe pede queira mandar-lhe o frasquinho da agua para os dentes, em que já lhe fallou, e manda recommendar-se ao novo doutor medico, o que eu tambem faço. Adeus; tenham saude, e diga ao amigo Rocha que tenha esta por sua, e que acêrca do Tratado de tempo ao tempo, mas desde já assente que o diabo não é tão feio como o pinta.

Está concluida a carta amigavel; agora passemos ao negocio da historia da Litteratura Portugueza. Eu, meu bom amigo, estou falto de todos os subsidios necessarios para desempenhar a sua rogativa, e admiro que o seu homem, sem ter mais que os Lusiadas do Camões e as Memorias de Litteratura da Academia, queira abalançar-se a tal empreza. É preciso, pois, que tambem leia a continuação das Memorias da Academia, depois que cessou a collecção separada d'aquellas Memorias em 1814; pois nos volumes subsequentes das Memorias reunidas em um só corpo vem muitas que dizem respeito á Litteratura Portugueza; e alguns soccorros poderá adquirir dos discursos annuaes, que recitei como secretario, que fui, da Academia, por sete annos e que só deixei de ser pela minha ida para o Brazil em Setembro de 1819. Tambem lhe será indispensavel folhear a *Bibliotheca Hispanica* de Nicoláo Antonio, em que vem a noticia dos Escriptores Portuguezes até o seculo 17.º, e mórmente a Bibliotheca Lusitana de Barbosa, em 4 volumes de folio, onde no ultimo, se me não engano, vem uma lista dos Autores, por provincias e logares, d'onde poderá tirar luzes para a parte que diz respeito ao Brazil. Esta obra acha-se compendiada em 4 volumes pequenos de 12.º pelo Professor Farinha. Para a Litteratura presente lhe poderá servir a obra moderna de Balbi, *Statistique du Portugal*, em 2 volumes de 8.º; (o *Bouterweck*, em que me falla, tem muita coisa boa e anda já traduzido em francez, Par. 1812); e a obra de Sismonde de Sismonde, — *De la Litterature du Midi de l'Europe.* Tambem será bom que veja a obra de Eichhorn, *Histoire Générale de la Civilisation et de la Litterature de l'Europe Moderne*; mas creio que ainda não está traduzida em francez. Com estes subsidios e mais que tudo com a lição não só do immortal Camões, mas tambem de outros poetas do seu tempo, Antonio Ferreira, Diogo Bernardes, Jeronymo Côrte-Real, Fernão Alvares do Oriente, Sá de Miranda e Francisco Rodrigues Lobo, que apezar de não terem a belleza de Camões, têm muita coisa boa e conservaram o

genio da lingua e a graça do estylo; entre os historiadores do seculo de 1500 e principios de 1600, merecem ser lidos as *Decadas* de João de Barros, os *Commentarios* de Albuquerque, a *Vida de S. Francisco Xavier* por Lucena, Fernando Mendes Pinto, Antonio de Castilho, e sobre todas a *Historia de S. Domingos*, e a *Vida de Fr. Bartholomeu dos Martyres*, que, apezar da mesquinhez do assumpto, não tem rivaes modernos quanto á belleza do estylo e a pureza da lingua; como oradores e moralistas têm muito merecimento Fr. Heitor Pinto, Fr. Amador Arraes, Paiva de Andrada e Fr. João de Ceita; e do seculo 1600 o primoroso Padre Antonio Vieira, que é um grande mestre da nossa lingua e tem muita viveza e espirito, apezar de algum gosto de agudezas. Todos estes escriptores, ou a maior parte, se acham, como creio, na Bibliotheca Real de Paris. Entre os modernos merecem ser lidas as obras do Padre Theodoro de Almeida, do Padre Antonio Pereira de Figueiredo, varios sermões, entre os quaes têm merecimento alguns do Padre José Agostinho de Macedo.

Entre os Poetas modernos tem bellas coisas o Garção, José Basilio da Gama e Diniz (6 vol. 12.º); Tolentino, Francisco Manoel do Nascimento, os dois Alvarengas, Brazileiros, as lyras de Dirceo de Gonzaga, Domingos Maximiano Torres, Bocage em certas peças, etc. Esqueci-me de recommendar entre os Autores do principio do seculo 16.º: *As Saudades* de Bernardim Ribeiro e os dois Romances de cavallaria, o *Palmeirim de Inglaterra* de Vasco de Lobeira, e o *Clarimundo* do celebre historiador João de Barros; e do tempo do ultimo Felippe — as obras de D. Francisco Manoel. Para traçar em breve quadro a historia litteraria do Brazil, além da Bibliotheca do Barbosa, em que já fallei, servirá tambem consultar a *Bibliotheca Historica de Portugal e Brazil*, que se publicou em 1800 e tantos, que traz noticias não vulgares. Não fallo dos nossos mathematicos antigos e modernos, de nossos antiquarios, geographos, viajantes e latinistas, porque não sei se entram no plano que se propõe o novo Autor; — assim como os theologos e jurisconsultos; mas não devo esquecer de tocar na obra de Martim Affonso de Miranda — *O Tempo d'Agora*, em que ha pedaços dignos de Montaigne.

Tenho acabado aos trambolhões esta mesquinha tarefa, e só accrescentarei que, a meu modo de ver, pois que os periodos da litteratura das nações modernas seguem por via de regra o desenvolvimento e perfeição das linguas, ou o seu retrocesso, eu creio que os periodos da nossa litteratura são os seguintes; — 1.º Desde o principio da Monarchia Portugueza até o Reinado de D. Diniz. 2.º De D. Diniz até Affonso V. 3.º De Affonso V até fins do Reinado de D. Manoel. 4.º De então até o Reinado do intruso Felippe II de Castella. 5.º De Felippe II até D. João IV. 6.º De João IV até meiado de João V, e 7.º por fim, desde então até hoje. Não cabe nos limites de uma carta, nem tenho pachorra para isto, expôr os motivos d'esta minha

divisão; contente-se V. S.ª com o que acabo de escrevinhar, que não é pouco para as minhas actuaes circumstancias.

Julgo que se o novo Autor quizer communicar-me successivamente os cadernos que for compondo, antes de os mandar ao prélo, não lhe serão inuteis as reflexões que for fazendo á vista d'elles. Adeus; tenha saude e escuse a demora da resposta, que acabei hoje a *25 do corrente*, por não sei que fatalidade, em que teve grande quinhão a preguiça e estupor em que vivo.

Seu do coração,

ANDRADA.

Ill.mo Snr. Menezes,

Meu bom amigo do coração, ha um mez que desejo escrever-lhe e ha um mez que dôres e frios m'o embaraçam. — Hoje revesti-me de resolução stoica e ahi vão estas desconcertadas regras. Principiemos pela politica, já que ella nos deve muito interessar, visto o nosso estado. Quem creria possivel que, nas actuaes circumstancias do Brazil, havia a grã Pata pôr tantos ovos de uma vez, como 19 Viscondes e 22 Barões? Nunca o João pariu tanto na plenitude e segurança do seu poder *autocratico*. — Quem sonharia que a mixella Domitilla seria Viscondessa da Patria dos Andradas? Que insulto desmiolado! Quando esperaria o Futriqueiro Carneiro ser Barão, e os demais da mesma relé? O' meu bom Deus, porque me conservas a vida para ver o meu paiz enxovalhado a tal ponto! E esses bandalhos do Governo não vêm a impolitica de tal procedimento, que fará pulular novos inimigos á Imperial *criança*!

Os Condes de marmelada do Imperador Christovão tinham ao menos feito serviços aos pretinhos; mas, os nossos Viscondes e Barões que serviços tem feito, não digo aos *Tatambas* do Brazil, mas á mesma *criança*? Parece-me que, mais cedo do que pensava o velho do Rocio, se cumprirá a sua prophecia acêrca do Imperador de meio-porcos. As camaras não se juntam, e nem sequer se tem escolhido os Senadores, com que se abateria a desconfiança publica, e teriam os corcundas basbaques algum motivo para acalmarem o povo e fazerem elogios ao Sultão. Accresce a isto o resfriamento e azedume do Gabinete Inglez, que não quiz ratificar o Tratado de commercio e amizade, e de novo a guerra desastrosa da Cisplatina e Estados Unidos do Rio da Prata, que fará coalhar os mares de corsarios e entrará a pé enxuto no Rio Grande, e talvez em S. Paulo, visto o destroço das nossas tropas do Sul, o desgosto necessario das Provincias comarcãs e os males da prolongação de uma guerra, onde os inimigos não só combaterão com polvora, chumbo e

balas, mas com proclamações e emissarios. Bem quiz eu, quando estive no Ministerio, evitar todo o motivo de descontentamento dos Cisplatinos e aproveitar o odio que tinham aos de Buenos-Aires; mas era preciso tirar o ladrão e despotico Laguna de lá, e fazer gozar o paiz dos beneficios da liberdade constitucional! — Escapou-me o ladrão de vir rebolindo, prevenido pela traição do General Marques e do Syndico Zuniga. Com a minha demissão foi tudo a peior, e o Laguna teve a imbecilidade de um novo *Cabildo* de todos os cocurutas do paiz, que teve o desaccordo de pedir o Absolutismo, os quaes foram depois premiados com habitos e commendas, que, bem que fantasticas, indispuzeram cada vez mais os animos; e o resultado de tudo isto foi a revolta e guerra, que hoje soffre o Brazil.

Basta de politicas e vamos ao mais. — Agradeço a remessa dos exemplares do meu opusculo, que sahiu com menos erratas do que era de esperar; só sinto que antes da impressão eu o não pudesse rever, porque emendaria varias coisas e accrescentaria outras.

Approvo as duas notas, que vieram a proposito e não precisavam de desculpa, porque a obra lhe pertence; e por esta razão não posso aceitar a proposta de que o seu importe sirva para pagar parte da divida minha dos livros; assim, peça as clarezas dos livreiros e mande-me a conta. O bom acolhimento que os dois jornaes deram á obrinha e a carta do Gregoire deram-me prazer, porque nisto ganha o credito do Brazil. Minha mulher agradece a encommenda das travessas, e diz que lhe mande a conta, porque não quer ser caloteira.

Nada me admira do despejo do Francez, autor da historia da nossa litteratura, porque conheço ha muito a leviandade e vaidade franceza; basta-lhes que façam cinzeiro, o mais é nada; mas isto lhe sirva de regra para não crer em pedidos de tal gente. Maria Amalia, apezar do novo Viscondado, suspira cada vez mais pelo seu *Tenová* e quer partir com Carlota, em Março, para o Brazil; porque diz que se ficar por aqui por mais tempo correrá perigo de se afrancezar de todo e de se esquecer da doce lingua de Nossa Senhora; e Carlota, que visto estar o Brazil já todo chumbatico, quer ir viver com os seus. — Bem sei eu quem tambem tem os mesmos desejos; porém não póde deixar o seu *Jaquinha*. Saudades ao Rocha, que tenha paciencia com a não execução das promessas do novo Barão de *Quixeramobi*, nome que me parece mixto de *Carijó* e *Bunda*, ou Angolense. Como tenho noticias do Brazil até Novembro, queiram ambos communicar o que ha de novo; pois ambos, depois da entrada dos grandes frios, ficaram com os dedos gelados. *A proposito*, porque sahiu do Ministerio o — Bambo Mulato, pesadão, basbaque? Quem ficará afinal com a pasta?

Adeus; tenha saude e venha a Bordéos visitar um... que o estima cordialmente e lhe é muito obrigado.

Janeiro de 1826.

ANDRADA.

Illmo Am.^o Snr.

Bordéos, 14 de Fevereiro
de 1826

Devo responder ás suas cartas de 6, 9 e 10 do corrente; e começarei por dizer-lhe que, vistas as circumstancias criticas em que se acha a Imperial *criança*, e os successos capitaes, assim internos como externos, do nosso desgraçado paiz, será talvez mais prudente esperar pela peripecia da Tragicomedia Tatambica; demais, creio que o espirito publico de Portugal não é favoravel a um Brazileiro; mórmente quando este foi o Redactor de um periodico que lhe deu latagada.

Assim, meu bom amigo, medite no negocio, antes de dar o ultimo passo. — Quando lhe escrevi approvando o partido, que tomára seu Irmão, não sabia o que tem succedido e ha de succeder para o futuro. Quanto á carta para meu genro, rogo-lhe que a mande logo pelo correio, pois, se fôr aberta, nada importa.

Les Demoiselles ficam-lhe muito obrigadas pela sua hospedeira bondade; mas nem a brevidade do tempo, nem o preço da passagem e o custo da viagem até o Havre permittem aproveitar a boa occasião e offerecimentos de Madame de Ranchoux e de Mr. Bellard, a quem agradecerá cordialmente de minha parte, e lhes communicará os votos que faço pela sua feliz viagem. Como me acho ainda encatarroado com um defluxo, que me tem ha dias atormentado, e estou sem criado, não tenho podido ir a Bordéos fallar ao Banqueiro, para que lhe mande satisfazer a divida dos livros; demais, como creio que não partirá logo, o negocio não insta, e poderá V. S.^a esperar mais alguns dias. Não posso decidir-me sobre a assignatura da *Revue encyclopédique*, porque não sei o preço, se é menor que o dos *Bulletins*, e se os póde escusar. — V. S.^a informe-se sobre isto, e regule-se em consequencia d'isto e do estado da minha magra bolsa. Ainda que a cópia da traducção allemã do Voss, que me mandou, de pouco ou nada me servirá, todavia, como já está comprada e os livros abertos, não julgo conveniente o recambial-os.

Nenhum de nós sabia que Pedro Alvarez Diniz esteve em Paris; pobre homem, quanto custa o ser honrado entre patifes! E que o Brainer esteja tão doente. — Agradeço o bom conceito que faz do meu bico d'obra; mas, como sempre o conheci de fé grega, *timeo Danaos, et dona ferentes*.

Para pagar-lhe as novidades, dou-lhe a façanhosa de que o grande Conde de Subserra se acha em Bordéos, se é verdade o que hontem vi!!!

Estou com os olhos longos pela carta *anonyma*! Que será isto?

Saudades ao bom Rocha, que tenha esta por sua.

Seu de cor.^m

ANDRADA.

Meu Am.º e Sñr.

As minhas molestias e dôres, e a rabugem habitual da minha existencia têm feito que ainda me não foi possivel responder á sua ultima carta. — Agora o faço para lhe dar os parabens das suas melhoras, e para agradecer-lhe a remessa dos livros; e já que V. S.ª quer continuar a beneficiar-me, bem; então assigne os dois ramos do Bulletin para este anno. Dou-lhe parte que tenho augmentado muito a minha Epistola, que tem 347 versos; — é o canto final do cysne moribundo, e quando a puder ler, não hade desgostar d'ella, porque tem muito estro e novidade. — E' a melhor coisa da minha musa. — *A propos* de versos: saiba que hoje começam-se a imprimir as minhas *Poesias avulsas* na impressão de *Fauve*, que me custarão 500 francos. — Paciencia; perdido por mil, perdido por mil e quinhentos. São façanhosos os despachos do Rio; o Rapazinho perdeu o medo, e trata as miseraveis crianças do Brazil como ellas merecem. Que gente, meu bom Deus! Já por ella perdi eu o meu socego, e ando por aqui aos baldões. Paciencia; é aguentar, como dizia o doido de L.ª em tempo de Junot. Passemos a outras coisas. V. S.ª tomou devéras o que só era brinco de carta. Estou pelo que diz da *fructa franceza*; não presta, não presta, e só o diabo, ou a fome, póde obrigar a comel-a. Bem aventurado o nosso Rocha que tem tão boa bocca e tão bom appetite. Os negocios da Europa parece que se enturvescem cada vez mais. — Talvez que Portugal, de quem precisa a Inglaterra, ganhe com isto á custa do Brazil, que pagará bem caro a nominal Independencia. E como andam contentes esses *Titambus* emproados com as suas fitinhas e chocalhos! E que lhe parece do pobre Franquinha, aposentado com tantos ladrões, que mereciam a forca? Eu recebi cartas de José Ricardo e do honrado Mariano, que nada dizem por medo panico, senão que não querem pagar as pensões, com o pretexto de que é preciso mandar certidão de vida; como se pelo Borges não soubessem que viviam, e onde estavamos? Ora que vão a tal parte.

Adeus, meu bom amigo; vá restabelecendo-se, coma e beba, e mande ao Diabo toda a medicina Franceza. Saudades a seu bom Mano, ao Juvencio, e o athleta Rocha, que tenha cesa por sua mãe que fuja de becos, cães e cantos.

Am.º do coração,

Andrada.

P. S. Rogo-lhe me remetta esta carta com brevidade e segurança a José Ricardo pelo Havre ou via de Inglaterra. Diga-me por que o Rocha não falla mais nos *Patriota* e *Portuguez* de Londres. — Não se publicam mais, ou é vedado recebel-os em Paris?

Talance, 4 de Abril
de 1826.

Estimadissimo amigo e senhor, vou responder ás suas duas cartas de 15 e 20 de Março; o que não tenho feito até agora, parte por apathia e parte porque esperava maiores noticias, que me tirassem do estado violento de receios e esperanças em que me acho.

Agradeço a remessa dos livros e mórmente das pimentas, que são o unico estimulante para o meu estomago, que anda em extremo fraco e desleixado. Já que a minha insossa vida não acha outra vitalidade que a leitura, e já que a sua bondade é tão generosa e activa, rogo-lhe queira subscrever para mim, por 6 mezes, a — *Revue Britannique* — que custa 25 fr. e se aluga rue St. Marc n.º 20 ou no bureau, rue Grenelle St. Honoré, desde o principio do anno. — Se tiver já lido a — *Noblesse de la Peau* do Bispo Gregoire e lhe parecer digna, queira enviar-me um exemplar, pois custa barato. Dou-lhe os parabens de não ter ido para Lisboa, pois o horisonte d'aquelle paiz Vandalico-Mourisco está muito embrulhado e não lhe podia servir para os seus interesses ou politicos ou mercantis. Apezar das farromas do grande Militar e Financeiro Brant, estou que acerta sua estimavel Mana, quando lhe diz que são embofias de matreiro o zelo que mostra por nós, principalmente por meus irmãos, que não são tão bonacheirões como eu. — Diga-me, se o póde saber, qual é o modo com que o Governo Francez trata ao nosso *Pedra parda*, pois se forem as suas communicações tão verdadeiras como a entrega de Montevidéu, creio que o mystifica. O traste do meu amigo Villela do Rio quer pôr-se a salvo em Lisboa; se o conseguir em tempo, virá com a bolsa alardear em Lisboa os seus *fidelissimos* serviços.

Apezar da falta de noticias officiaes do Brazil sobre os façanhosos acontecimentos de Janeiro, eu creio que por lá anda mão azul, e que apezar da politica machiavelica do mais machiavelico Gabinete da Europa, Canning está mettido em entrosga diabolica. — Esperemos que venha á luz o parto, o que não póde durar muito, para rirmos ou chorarmos. A Imperial criança está com dysenteria de feretros, ou com febre maligna de desvarios; — de qualquer modo vai mal, e irá de mal a peior com a morte do Pai e com a successão do Throno Portuguez, de que dizia não queria *nada, nada e nada*.

Quem me diria a mim que eu tinha inspirações de propheta!

Sinto muito que a sua ophtalmia do anno passado queira de novo atormental-o. — Ora pois, meu bom Amigo, logo que tiver alguma pequena melhora, mude de ares e venha *rusticar* em Talance com o seu Ermitão, que suspira pela sua vinda para espancar o *spleen*, e pelos calores para mitigar o

seu envelhecido e rabugento rheumatismo. Saudades ao amigo Rocha e seus filhos e a seu Mano. *Vale et ama amore illo tuo singulari*, na phrase de Cicero.

Seu do coração,

ANDRADA.

P. S. — O navio que partiu antes do *Roland* creio que foi ao fundo, e assim foram tambem as noticias das cartas do Mariano e José Ricardo, que por elle esperava.

2.º *P. S.* — Quando cá chegar, lerá uma composição poetica minha, inteiramente Anacreontica e no gosto elegiaco de Tibullo, que tem por titulo — *Amores da Mocidade.* — Quem me diria no Rio de Janeiro que eu tambem havia de tornar a ser Poeta, *bon gré, malgré?*

Escreverei a Mr. Julien quando puder, mas não posso satisfazer a seus desejos, porque para um quadro estatistico e politico faltam-me aqui todos os soccorros que deixei no Brazil, e demais as minhas circumstancias me não consentem fallar verdade, mas sim calar-me por ora.

Talance, 8 de Maio
de 1826.

Amigo e senhor, recebi a sua de 29 de Abril, e querendo logo, como cumpria, responder-lhe, não sei por que fatalidade o tenho demorado até hoje. Ora pois, ponha-se a caminho, pois ninguem de cá quer outra encommenda que a sua pessoa; — porém Antonio roga que lhe traga os papeis que lá tem o amigo Rocha. V. S.ª ficou encantado do concerto a favor dos Gregos; mas pobres d'elles se, para resistir aos Turcos, esperassem pelas esmolas parisienses; todavia, devo confessar que senti tambem meu enthusiasmo pelo bello sexo de Paris; bem que o conhecimento do mundo e a rabugem de velho me digam que n'isto teve muita parte o espirito de partido (bom peccado) e o prazer de brilhar. E quando os nossos *Tatambás* estarão em estado de mover a sensibilidade do sexo Europeu?

Venha e traga, se possivel fôr, noticias novas do Brazil pelo paquete inglez. E que lhe pareceu os vivas dados na Bahia á *religião*, ao Imperador e á independencia, e nada á constituição? Porque razão o Snr. Villela, tambem ex-Ministro, acompanhou a Imperial criança?

Quererá safar-se para Portugal? E porque razão a não *D. João*, que

estava a apromptar-se para ir com a deputação ao Rio, cessou de preparar-se? Esperarão o menino, ou Canning se fez cargo d'esta commissão? Muito temos ainda que ver. O Diabo teve tanta velhacaria e nos dê paciencia para soffrermos o desterro e vermos os males da nossa bestial patria, que não obstante é nossa patria.

Que dizem os Portuguezes que ahi residem? Que diz o antigo Pinetti do Thesouro Fluminense? E o Snr. *Pedra parda*?

Adeus; saudades a todos; que se não esqueçam do Ermitão de Talance, que tem soffrido muito dos frios e humidade da vinhosa e avelhacada Bordéos.

Seu do coração,

A.

Ill.mo

Meu bom amigo e Snr., tenho retardado o responder ás suas de 2 e 7 do corrente, por esperar os livros, e com elles mais algumas noticias suas e do amigo Rocha; mas como nem jornaes, nem noticias, é preciso acordá-los do somno amadornado em que os põe as bellas de Paris.

Li com espanto o que diz o amigo Rocha acerca dos despachos diplomaticos, que fez no *Constitucional* o P. Paula. Para que fim fez um tal Romance de despachos? Se é assim, de certo *latet anguis in herba*! Sobre a lista dos Senadores, já V. S.ª agora tem recebido as contra-notas.

Ahi lhe envio a gazeta de Lyon e a resposta em portuguez, assignada por nós; mas, como até agora parece que nenhum jornal de Paris fez caso d'ella, V. S.ª a lerá, a fará traduzir em francez, e, se lhe parecer necessario, quererá mettel-a em algum dos Jornaes da Côrte, comtanto que não seja o *Constitucional*, que parece ser hoje pago pelo Rio de Janeiro. Nós satisfaremos as despezas. Suspiro pela chegada do Paquete, pois, a ser verdade o que dizem as folhas inglezas, creio que o Ministerio e Conselho de Estado do Rio em breve irá *à tous les diables*; e julgo que está proxima a epocha em que a Imperial criança ha de conhecer o desatino que fez em perseguir e desterrar a quem só o poderia salvar dos corcundas e pés de chumbo, que hoje com motivos e vistas differentes talvez se coalizem de novo com os Demagogos. Passemos a cousas menos eventuaes e enigmaticas. — Agradeço-lhe o ter-se avistado com a minha antiga Fanchette. Está já muito velha? Não o mostra a imaginação acalorada. — Pobre viuva! Eu sou sensivel ao amor que me con-

serva; e, se está na miseria realmente, queira, meu bom amigo, dar-lhe cem francos e desculpar-me com as minhas acanhadas circumstancias. — Verei com o tempo, se poderei fazer mais. — Dê-lhe mil saudades e deite agua fria na fervura, para que não faça alguma loucura que me inquiete.

Dei os seus recados á boa Mademoiselle Bellard, que verdadeiramente o estima. Todos os de casa lhe enviam mil saudades.

Seu todo,

ANDRADA.

P. S. Que tem feito ou pretende fazer da grande papelada que d'aqui levou? Saudades a todos os seus; e ao amigo Rocha que communique as suas vistas politicas, visto que está todo empegado nellas.

Talance, 21 de Julho de 1826.

III.[a]

Talance,
2 de Agosto.

Meu amigo do coração, vou responder á sua de 27 de Julho, e depois direi alguma cousa sobre a de 18. Approvamos tudo que fez, e cremos que se os extractos foram bem feitos, como é de esperar, não se precisa de imprimir em separado a resposta por ora; todavia remetto a cópia dos dois Decretos de demissão. Tenho procurado haver á mão a *l'Opinion* de 21 de Julho, mas em Bordéos não se tem podido achar; assim, rogo a V. S.ª queira comprar esse numero e remetter-me; ou ao menos a cópia do artigo; e já desde agora lhe agradeço o trabalho que toma a favor do velho Ermitão de Talance, que, depois da sua ausencia, tem achado um vasio immenso na sua existencia intellectual e *poetica*.

Participei as suas lembranças ás Madamas, e a futura entrega do *annel magico*, que, talvez com as outras, tenha sido a causa da demora da remessa dos jornaes e livros, que, estando já promptos a 18, ainda não tem chegado até hoje; pois Mr. Gautran ainda não appareceu nestes horizontes.

Passemos á sua carta de 18. A sorte da boa Fanchette, que tanto interessou á sua sensibilidade, tambem me tem melancolisado. Pobre Senhora! Porque o meu destino cruel me não ha de permittir mostrar-lhe toda a minha amizade? Ao menos assegure-lhe que farei tudo o que puder para alliviar os seus soffrimentos. Espero que ella terá acceitado os cem francos, que lhe pedia

quizesse dar-lhe da minha parte. Socegue a sua imaginação exaltada, e que não creia que a sua correspondencia altere a boa harmonia domestica. Não sei qual será o meu destino futuro; se poderei regressar ao Brazil, ou ir para outra parte da America; em todo o caso, farei todos os esforços para o apertar ainda uma vez nos meus braços.

E' cousa pasmosa, meu caro amigo, que chegasse o paquete do Rio, e que não tenhamos noticias nenhumas do que tem feito por lá a Imperial criança e os senhores de ambas as Camaras! Dão-se Constituição e Amnistia a Portugal, e os Deportados do Brazil, sem processo e sem crimes, andam desterrados! *Oh seculo! Oh mores!* Adeus; saudades a todos; e V. S.ª e o amigo Rocha continuem a escrever o que souberem ou parafusarem sobre o Brazil.

Seu de coração,

ANDRADA.

P. S. O França namorava uma menina na passagem do Panorama e se inculcava estudante de botanica, direito, etc.; mas o Porto disse a ella que França era estudante de medicina; este, envergonhado, não quiz mais apparecer á menina.

III.ª

Talence, 9 de Agosto
de 1826.

Meu bom amigo, recebi a sua ultima immediatamente, porque o Bernardes a remetteu ao Bouchet e este por um proprio ao meu Castello encantado, por 30 soldos. Cuidamos todos que eram novidades boas; sahiu um libello infamatorio. Deus perdoe a quem atiça ainda cães gosos contra nós. — Entraria no plano não só o amigo de Fr. Antonio, que paga dividas, mas tambem o P. [illegible]? Examine o caso. Ahi vai a resposta, de que se fará um extracto, como da antecedente, e ambas ellas deverão ser impressas com a traducção franceza ao lado; porém basta que se tirem 200 exemplares para se espalharem por França e Brazil. Pagaremos a despeza de tudo, bem como os portes das cartas. Eu não sou da opinião de se chamar o calumniador a juizo; porém meus irmãos o querem, se V. S.ª, depois de consultar alguns habeis lettrados, assentar que venceremos o pleito, e este se poder intentar sem irmos a Paris ou Lyon. Medite depois da consulta e diga sem paixão o que se póde fazer sem menoscabo e damno nosso.

Agradeço os livros e ficam entregues as encommendas a Pepita, o que fiz com seu geito porque o doutor tem andado furioso de ciumes. — Adeus; saudades de todos de dentro e fóra.

Seu

ANDRADA.

Recebi os cadernos da *França Christã*; os dois artigos estão muito bons. Não mandei ainda para Bayona, porque V. S.ª não m'o mandou dizer, e tambem porque vieram dois numeros 15 e só um 16, e póde haver engano; responda.

Saudades ao amigo Rocha, a seu mano e aos dois *cumplices*. Forte silencio guardam as folhas ácerca do Brazil! Que faz a *Tocandiras* Assembléa?

Ill.mo

Talance, 27 de Agosto
de 1826

Meu bom amigo e senhor do coração, acabo de receber hoje a *Opinião*, que me enviou, em que se surre ao infame calumniador, que só merece resposta de páo. Hoje mesmo recebi uma carta do redactor do *Independente* de Lyon, Vernay-Giradet, em que me diz que porá no seu periodico a minha resposta ao n.º 75, mas que me não espante se Deloy ajuntar algumas notas e traducções de diversas passagens do *Tamoyo* e do *Correio do Rio de Janeiro*. Que bella autoridade esta? Eu estou enfastiado de polemicas e desaforos, mas a autoridade e calumnias do *Correio* deviam ser declaradas e patentes as intrigas dos Bercós, etc., e a paga que teve o calumniador em Pernambuco. Hontem vi um novo artigo do *Independente* de 16 de Agosto, em que pretende responder aos da *Opinião* de 13 de Agosto, em que nos chama *Malfeitores* e *Tartufos*, e a V. S.ª de estar corrompido por uma *Potencia* inimiga da prosperidade do Brazil. Emfim, nos ameaça com a sua ida ao Brazil. Permittisse o Céo que voltassemos e lá o encontrassemos para lhe pagar com um páo os favores que lhe devemos; e, caso lá vá o infame, não haverá um mulato que lhe tose o espinhaço?

Passemos a outras coisas: emfim chegou, como creio, o paquete á Inglaterra, e d'elle só sabemos a arenga do corcunda Silva e a resposta Napoleonica da Imp. C.

Que bello conhecedor da eloquencia do velho Bororó! Não nos dirá se o P. pardo, ou o mulato J. Marcellino tem parte nas diatribes de Lyon, e

quem é o Brazileiro de Paris que suspendeu a sua correspondencia com a *Gazeta* de Lyon, por ser jesuitica e incivil? *Latet anguis in herba!*

Que novidades mais ha do Brazil? Como vão e o que fazem as Tatambicas Camaras? Que é feito da nomeação esperada dos novos Diplomaticos, e só se resolveria em ser confirmado o P. Sarda em Encarregado de negocios e Antonio Telles em levar a Grão Cruz para o Francisco burro? E d'onde tiraria o Deloy o fundamento da clemencia da Cr. a nosso respeito e de que poderiamos ser Deputados? Pois homens aborrecidos como despotas e facinorosos ainda merecerão a escolha de seus naturaes, que os detestam como tyrannos? Que bestial inconsequencia! Diga-me o que quer que faça da *França Christã*, cujos artigos são excellentes. Se a devo remetter para Bayona, então diga-me a *adresse*, pois perdi a carta onde ella vinha.

Quanto á minha Biographia, só tenho que advertir que eu não viajei pela Inglaterra, mas só estive de passagem em Yarmouth, e não fallo mas entendo 11 linguas, das quaes só fallo 6. Sobre as de meus irmãos, nada posso dizer porquanto ellas não mostraram.

Receba mil saudades da minha familia e tambem recommendações da Pepita e Bellard. — Entreguei á primeira as *modas*, porém com a precaução necessaria para não accordar ciumes maritaes. Cá esteve por duas vezes o Queiroz, sua mulher e filha, que ambas me agradaram muito, e a *muchachita* me pareceu ser tambem das apaixonadas das *lanternas verdes*; ella me disse que V. S.ª lhe tinha promettido enviar algumas musicas e que esperava cumprisse a palavra. Que faz a Fanchette? Recebeu os 100 francos? E V. S.ª como vai com os calores da estação e dos causados pela bella *Sophonisba?*

Adeus, meu bom amigo; saudades ao amigo Rocha, a seu irmão e aos outros Rochas.

Receba o coração do seu amigo,

A.

Então terei a esperança de o ver outra vez por aqui?

Ill.mo

Hoje recebi as suas cartas, e hoje mesmo respondo. Sinto a sua molestia, caro Snr. Menezes, e sinto tambem, caro Snr. Rocha, que, mandando a noticia da pergunta da Camara dos Deputados sobre os deportados, não saiba a resposta dos Ministros. Do Brazil só recebi uma carta de José Ricardo com a data inexplicavel de 8 de Novembro de 1825! E do Mariano nenhum [illegible]

recebeu cartas, bem que tenham chegado ao Havre 2 navios ultimamente. Só Madl.le Bellard me communicou o que recebeu de seu irmão, de 25 de Julho, do Rio; e diz o seguinte em um paragrapho, a meu respeito sómente: « On aime beaucoup ici notre ami de Talance, on en parle beaucoup. Ses vertus, son désintéressement l'ont fait passer en *proverbe*: d'après ce qu'on dit il ne tardera pas à revenir ici. »

Mas como eu creio tanto em boatos como em bruxas, por aqui ficaremos até que a I. criança o queira. Não achei a *Gazeta do Rio* de 3 de Novembro de 1822, mas sim a de 2, que envio, e que rogo não se perca, porque me póde servir para as minhas Memorias politicas.

Rogo-lhes que, se puderem obter a minha Representação á Assembléa sobre a civilisação dos Indios, que se imprimio e distribuio, m'a queiram enviar; pois a quero corrigir e augmentar, e depois imprimir.

Estou esperando com ancia a *[illegible]*, *L'Opinião* e o *Echo da [illegible]* para vêr. Mandarei para Bayona o que cá tenho, e o mais que fôr vindo. Não demore os jornaes; e peço-lhe me queira enviar tambem *La Carte Géographique, Statistique, historique et politique du Brésil* par Darmet, que sahio em 1825, e a nova *Carte du Brésil*, etc., Paris, 1826, por Brué, que se acharão nos principaes *marchands de cartes*. Não será possivel achar na mão de alguns dos *Tatambas* d'ahi a *Chorographia Brasilica* do padre Ayres, comprada ou emprestada?

Adeus; recebam mil saudades de todos d'esta casa.

Seu de coração

9 de Setembro de 1826.

ANDRADA.

Ill.mo Snr. Menezes.

Talance, 25 de Setembro.

Meu bom amigo e Snr., já sabe a razão por que não respondi á sua ultima carta; agora o faço, remettendo-lhe o resto do meu opusculo. Como V. S.a é seu dono, e não eu, creio que é do seu direito fazer a *advertencia* preliminar como bem quizer. Talvez seja bom dizer que eu dei este bico de obra a um amigo do Rio, quando foi desfeita a Assembléa, para fazer d'elle o que quizesse; o qual agora o manda imprimir em França. Quanto á correcção das provas, cuide d'isso juntamente com o amigo Rocha, que tem pouco que fazer.

Não sei o motivo por que ainda não vieram os numeros do *Bulletin* de Agosto, com os outros livros que ficou de enviar-me? Estarão perdidos ou detidos na posta? Tire-me d'este cuidado. Emfim chegou o Stuart ao Brazil, e chegou em má quadra, pois a guerra, já começada ou imminente com as Republicas que rodeiam o Brazil, faz bem critico o momento. Do Rio só sei que tudo alli é um cháos, que o *Diario* não cessa de pregar absolutismo e declamar contra os Maçons e Republicanos; e tambem o pobre *Tamoyo* e os Andradas são objecto do seu odio figadal. Pobre Brazil e pobre gente!

Saudades a todos, e diga ao Innocencio que se deixe de bilhar, e cuide em se aperfeiçoar na grande arte de fazer pontes, que lhe será util no Brazil. O amigo Rocha tenha-se lá por cá, e não emmudeça, como os Oraculos do Paganismo, com a vinda do Rio do Messias anglicano.

Adeus; se o rheumatismo o apertar, venha passar o inverno na companhia do seu amigo e criado

ANDRADA.

Ill.mo

Meu bom amigo, hoje recebi a sua ultima carta, e creio que já terá tambem recebido a minha.

Emfim, é preciso dizer-lhe um adeus. Seja, pois assim quer o fado. Vá pois para Lisboa, e cuide em ajuntar dinheiro para não depender de Reis e Imperadores, e rir-se d'elles. Nada tem por ora que temer de Portugal, e, se for preciso ou lhe for permittido voltar á patria, tanto o podem fazer de Lisboa como de Paris. Eu tambem desejava trocar Bordéos pelo Algarve, clima Africano que me conviria; mas não me é possivel nas minhas circumstancias; portanto por aqui ficarei, até que Deus o queira; porém *Deus é grande*, dizem os Mahometanos. A estrella da Imperial criança vai-se offuscando e o tempo ameaça borrascas grandes; o peior é que temos perdido a liberdade e a honra nacional. O sul foi-se, e dizem que Bolivar caminha para nossas fronteiras. E onde está a gente que o deve combater e o dinheiro para a guerra? Seja o que Deus quizer.

Agradeço-lhe os offerecimentos da continuação das remessas de livros pelo seu bom irmão. Eu quizera a remessa dos *Bulletins*; mas, antes que ajustemos contas e dê balanço á bolsa nada posso resolver.

Ahi remetto esta carta para o meu genro em Lisboa, com procurações para cobrar o que lá se me deve de ordenados atrazados; assim, se V. S.ª

partir logo, rogo-lhe a queira entregar pessoalmente; e, quando se demore, a envie com brevidade e segurança.

Eu esperava dar-lhe ainda aqui um abraço e, talvez, acompanhal-o aos banhos de Barrege, que me são necessarios; mas isto agora não é possivel; assim, tenha saude, faça feliz viagem e não se esqueça de quem o estima e ama cordialmente. Em Lisboa poderá ter mais noticias miudas do desgraçado paiz dos Tatambas, de quem o céo queira condoer-se. Se puder mandar-me *L'Histoire de la Révolution* por Mignet, e se achar a *Bucolicas* de Virgilio de Voss, com as notas e o texto ao lado, queira comprar-me e enviar-me, porque a edição que me enviou de Vienna nada vale, por antiga, incompleta e má.

Adeus outra vez; saudades ao Rocha, que de certo ha de sentir a sua falta. Minha mulher e Belchior se lhe recommendam muito e me acompanham nos mesmos sentimentos. *A propos*, se puder descobrir onde mora o Bellard, diga-lhe que desejo saber quando parte para o Brazil, e que me escreva sobre o que lhe fallei acêrca de irem na companhia da Madame a Amalia e Carlota, e o preço das passagens para o Rio; pois d'aqui não ha esperança de partir navio tão cedo.

Bordéos, 4 de Outubro
de 1826.

Seu am.º e criado

Andrada.

Talance, 6 de Outubro
de 1826

Meu bom amigo e senhor do coração, não respondi até hoje á sua ultima carta, que creio de 29 do passado (pois veiu sem data), por esperar os mappas e mais algumas outras noticias suas e do amigo Rocha sobre mim e sobre o nosso malfadado paiz, visto terem chegado novos navios do Rio; mas não posso demorar por mais tempo o dizer-lhe que das cartas impressas póde V. S.ª enviar-nos aqui 20 exemplares, 200 para o Brazil, e os mais pôl-os á venda em Paris. Já sahiu, ou quando sahirá, a nossa reclamação ao redactor da *França Christã*? Vi na carta e resposta que o Mr. Taunobert a carga em que V. S.ª se acha contra o vil impostor Delog; este miseravel merece, a meu ver, páo e nada mais por ora. Agradeço-lhe o *Avant-propos* e a resposta ás notas posteriores do Delog contra nós; e estou sequioso de as ler. Não sei por que razão o *Constitucional* me tomou á sua conta para me fazer

andar á baila com noticias mentirosas. Estou capacitado de que a tal supplencia pela Bahia é tão verdadeira como o despacho antecedente para Vienna; nestes termos, como Maria Amalia está obstinada em partir no *Correio do Brasil*, no fim d'este mez, rogo ao amigo Rocha queira da minha parte pedir ao grande Pedra parda o passaporte para ella e Carlota. — Os seus nomes por extenso são: D. Maria Amalia Nebias e Carlota Emilia Machado. Rogo nisto brevidade para poder concluir os ajustes da passagem. Quanto a mim, seja o que quizerem os fados. Adeus; Pepita e Bellard agradecem as lembranças, e a ultima lhe pede queira comprar-lhe uma *Villeliade* da ultima edição e remettel-a para o Rio a seu irmão, por via de la Fite (*) do Havre.

Adeus outra vez, meu bom amigo; saudades a todos os de casa.

Seu todo,

ANDRADA.

LI.ª

Talence, 22 de Outubro
de 1825

Meu bom amigo, vou responder ás suas duas ultimas. — Em primeiro logar, mil agradecimentos ao amigo e Snr. Rocha pelos trabalhos do passaporte, que depois soube que não era preciso, porque a Prefeitura os passa aqui. Não acho inconveniente que o amigo Rocha deixe obrar o P. P. como lhe dér na bestunta a respeito do exilio. A todos os *honrados* e *energicos* Brasileiros, alumnos do Ministerio e grande Côrte do Rio de Janeiro, dou os meus sinceros parabens pela brilhante figura que iremos fazer em todas as nações e *naçõezinhas* da Europa, com os novos Diplomaticos e Consules expedidos e por expedir. — Que riqueza de paiz! Que poder! Pois até nos pomos á barba com a *soberba Albion*. Agora verá Lord Ponsonby o que é a poderosissima e valentissima nação *Tupinambá*! Não quero duvidar do que diz seu pacifico mano sobre a tapadella dos ouvidos ao formidavel nome dos Magicos Andradas; mas, meu bom amigo, confesse que elle, depois da estada da Fortaleza, parece que sahiu petrificado, como se vira a cara de Medusa. Se a *Representação* foi embargada na Alfandega para não correr no Brazil, porque a não reclamou para voltar para a França? Succederia o mesmo ás minhas Rapsodias poetico-prosaicas? Nada sei d'ellas. — *A propos* dos meus bicos

(*) Laffite?

d'obra: que fez V. S.ª do *Bambo mulato*, das *Noticias dos Negros* e da *Viagem por parte da Provincia dos Arabes do Matto?* A minha *Elegia dos amores da mocidade* tem levado novas emendas, e, para espancar melancolias tenho feito varias imitações de poesias hespanholas e inglezas, que desejo venha logo aqui ler para mudar de clima e gozar de melhor saude do que tem nessa cidade de impostura e vilania. — Agora estamos com muitos quartos devolutos pela partida das *Senhoritas*, que vão gozar das bemaventuranças do grande Imperio dos *Tropicos*, onde tudo são *trópos* e *figuras*, ou *figurões*.

Talvez agora vá a não ao mar, pois não é de crer que o Grão Cacique quizesse enganar ao Caciquezinho filho com balelas taes, quaes as que têm sahido nos papeis de *Paris*; mas gato escaldado da agua fria tem medo. — Seria bom saber da data da carta e da sahida do paquete para melhor politicar no caso. — Com effeito, contei as estrellas, e o bom Snr. Barão, com effeito, apeou de uma do Grande Imperio do *Monomotapa* occidental; o que é tanto mais de reparar, visto o furor de *guerrear* do seu Governo. Além d'isto ainda ficavam o Rio Negro e Solimões para darem mais de uma estrella.

Cá recebi os dois cadernos da *França Christã* e admiro-me de não ver mais artigo *Brasilico*, e já vou desconfiando de que poderia a nossa reclamação, pois conheço ha muito o que é essa miseravel raça de Periodistas Parisienses. Não espere pelos livros de Antonio para me mandar os Mappas; e diga-me tambem se achou a minha Representação sobre os Indios, que quero dar-lhe novo vestido e talhar-lhe roupas mais largas e á *tragica*. — Veja se se acha por lá a — *History of Brazil* de Roberto Southey, em 3 vol. 4.º, pois a não tenho, e é boa compilação, e póde servir-me; saiba do preço. Porque as nossas cartas podem e devem ter a mesma sorte que a minha *Representação*, é escusado mandal-as vender, mas sim espalhal-as gratuitamente e com segurança por aquelle paiz; o mais vende-se por cá, se puder ser. Em todo o caso, mande a conta das despezas para lhe serem pagas, como é justo.

O *Avant propos* está muito bom e eu lh'o agradeço cordialmente.

Adeus, meu bom amigo; receba mil saudades das nossas viajeiras, que igualmente as dão ao amigo Rocha e filhos. — Venha quanto antes consolar o Ermitão de Talance, que é e será sempre

Seu todo,

ANDRADA.

P. S. — Recommende-me a M.lle Fanchette e assegure-lhe que não deixarei a França sem ir dar-lhe um amigavel abraço. Escreverei depois. O nosso Belchior, que anda muito melancolico e como negro *sem banza*, agradece as suas lembranças e se recommenda igualmente. Maria Amalia, em agradecimento ao *gratis* do passaporte, prometteu enviar a V. Ex.ª um grande catalogo de vocabulos da bemdita lingua de Nossa Senhora.

Ill.mo

Talence, 30 de Novembro
de 1826.

Como já o julgo de volta á *fantasmagorica* Paris, vou responder á sua carta de 6 do corrente; o que tambem não tenho feito, porquanto um emperrado defluxo e o muito frio, que já começou bem cedo, m'o têm impedido. — Estou tão acabrunhado que suspeito ás vezes se deixei de ser animal racional; estou em torpor, como os bichos da terra que só vegetam de inverno; mas hoje faço um esforço, sem ter animo porém de escrever-lhe uma tão longa carta como a sua.

Quem furta, e póde não servir á imperial Criança, faz muito bem; mas eu que não furtei, porque nunca tive geito para tão honrado officio, e demais só quero servir a Deus e a Nosso Senhor Jesus Christo, não sei o que será de mim! Enganaram-se os politicos de Pariz com a commissão do Ex.mo de Taubaté para o velho magico. — Cá esteve o rapazinho, e, buscando saber onde eu morava, não appareceu; mas, cinco dias antes da partida, veiu ver-me o Secretario Araujo, com o titulo de agradecer-me pela carta de recommendação que lhe havia dado para Coimbra, em Novembro de 1819, no Rio de Janeiro. — Parece-me bom lesmo, se é que um brazileiro empregado póde ser bom.

D'elle colhi que para a nossa deportação tinham muito concorrido *os pés de chumbo*, e que o medo é quem por aqui nos retem. Os corcundas pedem sem rebuço o absolutismo; mas o povo anda mais desconfiado e descontente; a tropa não se quer bater e a deserção é immensa no sul; os *cenquibus* faltam e o banco ameaça ruina. Eis aqui tudo o que pude saccar; não obstante, creio que o Ex.mo de Taubaté veiu tirar linguas a nosso respeito; assim como creio que o outro de Pariz talvez veiu para o mesmo; e creio que Pedra parda, por ora, não deve ter medo que o esbalhe dos jantares diplomaticos. Elle me escreveu uma carta muito amigavel e civil, a que respondi como devia, e com muita tomba e alguns remoques *bernardescos*. — Ainda me não tornou a escrever.

Dou-lhe os parabens de estar nas boas graças seu mano; emquanto o vento vai em pôpa, Deus queira que lhe sirva para alcançar o seu regresso. — Os A. Loizes (*) podem voltar, e então adeus favor, e adeus dinheiro despendido em tapeçarias. Um ministerio venal e imbecil, que tem perdido o Brasil, deve mais dia e menos dia desapparecer.

Agradeço ao bom amigo Rocha a cópia das commissões da nossa camara. — Um dos pareceres me pareceu um sermão de lagrimas pela santa quaresma, e o outro é uma baboseira pueril. — Que ignorancia Constitucional? Como tão ridiculos sabichões podem alçar-se em Minos e Rhadamantes naquella

---

(*) Aloises ?

desgraçada terrinha? Consolem-se, que a Mãe Natureza foi justa pelo menos; pois repartiu com todos igualmente a ignorancia e a fraqueza, a sandice e a vaidade. São felizes, porque todos se julgam talentaços, ainda que eu quizera apostar cem contra um, que todos são o que são — homens de quatro pés.

Parece-me que será melhor fazer inserir no *Journal de Physique*, ou nos *Annales des Sciences naturelles*, a minha *Viagem mineralogica de S. Paulo* porque opusculos d'esta natureza não podem ter sahida; e creio que a *Noticia do interior da Africa e curso do Niger* tambem devêra ir para o *Journal Géographique*, ou para os Annaes das viagens de Malte-Brun e Eyriès.

A propos de Malte-Brun; queira V. S.ª comprar-me o 6.º volume do seu *Précis de la Géographie universelle*, que acaba de publicar-se *chez Aimé André*, e, logo que sahir, o 7.º, que está na imprensa tambem; porque tenho aqui os outros primeiros cinco. Porque não tem mandado os 20 exemplares das respostas ao *Debry*, e porque não tem mandado a importancia da edição?

Ora, meu bom amigo, não se confine no borralho; saia e dê passadas, pois é moço e mais forte que o velho do Rocio.

Acceite saudades de todos e para todos.

Seu de coração,

ANDRADA.

P. S. As Demoiselles já lá vão por esses mares de Christo; e nós cá ficamos como espargos no monte. Se por lá houver noticias ou boatos d'aquella sanctissima terra da Vera Cruz, não tenha medo de poupar-me os portes.

Ill.mo

Talance, 26 de Dezembro
de 1826.

Antes de responder ás suas duas de 28 de Novembro e 4 do corrente, tenho que dar a V. S.ª e aos mais amigos e Srs. muito boas festas; eu não as tive boas, porque tive o desgosto de que a minha netinha recem-nascida morresse de sarampo, só com vinte dias de vida; mas, como fica o rapaz, e a fabrica póde produzir ainda por longos annos, vou-me consolando.

Minha mulher, que está com muito defluxo, agradece-lhe affectuosa a remessa do tabaco; o que eu faço igualmente, porque entrei na partilha.

Vamos a outras cousas. Estou admirado do tardio convite do Pedra parda; e folgo que V. S.ª o não acceitasse; porque um tal patife só merece dois pontapés no traseiro pelas suas vis calumnias e comportamento infame. Ainda

que não creio por ora na successão do *commendador*, folgo com as policas que tem tido; e tambem folgo que o outro bandalho, seu cumplice, o ponha agora pelas ruas da amargura e lhe descubra as infamias. Que gente, meu bom Deus!

Recebi os mappas, e agora todos os folhetos, etc. Não sei a razão por que a *França Christã* emmudeceu ácerca do Brazil; se continuar no mesmo silencio, desisto da recepção. Foram-se os chamados Desertores; parte para matar saudades, e parte por motivos da magreza da minha bolsa e outras razões ponderosas; d'aqui a 15 a 20 dias lá estarão, porque a monção é optima e o navio mui veleiro. Como quer que vá eu para Paris nas minhas circumstancias, e com a sua primavera de 2° a 4°? E ainda quando isto não fôra, basta a immensa corja *brazilica*, que lá ha, para me fazer fugir para cem leguas. Nada me admira do que me diz de Antonio Telles. Quem é capaz de sacrificar a gratidão ao egoismo, é capaz de tudo, — para mim é rato morto.

A tosse do amigo Belchior continúa mais ou menos; e o peior é que até despreza o magnetismo animal, que tão bem, diz elle, tem feito a V. S.ª, apezar do clima e vida de Paris.

25. Agora acabo de receber os faquinhosos despachos do dia dos annos. Com effeito, esfreguei os olhos e não podia crer o que lia. Eu já dizia de Portugal que era um paiz em que a esphera do *possivel* era muito menor que a do *real*; e que direi agora do Brazil? —Nada. Talvez tudo para melhor, se os fados não se enganaram.

Porém, meu bom amigo, o que mais me deu no goto foi o despacho *Digno* do Arcediago de S. Paulo, antigo amigo da nova Marqueza, e o tratamento de excellencia a Mr. l'Abbé Pirão de famosa carapinha.

Para o anno estarão guardados os titulos de *Duques* e *Principes* do Imperio, que eu aconselharia que não se dessem sem concurso, para que os patifes pudessem mostrar authentica e legalmente que os merecem, por serem os maiores alcoviteiros, ladrões e bandalhos, não só do *Grande Imperio dos Tropicos*, mas do universo inteiro; ao mesmo tempo, porém, receio que seriam tantos os concurrentes e as provas tão volumosas, que para dar sentença seria preciso um seculo. Diga ao amigo Rocha que, sem cataclismo, perca a esperança de ir respirar os ares do risonho e verde *Janeiro*; porém eu, que não sou Noé, espero que o novo Diluvio não tarde; e para o celebrar ahi os convido a todos, que no dia *assignalado* de Reis façam um brodio e cantem essas cantigas bacchicas que envio, feitas no mesmo metro e rythmo do hymno de *Riego*, que devem ser cantadas na mesma musica, que creio poderão obter de algum patriota hespanhol.

Muito mais me pedia a vontade de escrever; porém o frio me entorpece a mão, porém não a imaginação, ou melhor a indignação.

Adeus, meu bom amigo; saudades a todos; e não deixe de communicar

do que for sabendo do Brazil e dos figurões que se acham em Paris. Quero rir e sacudir o diaphragma. Tambem não se esqueça de me dizer a quanto monta o que lhe devo; ao ménos para meu governo e economia.

Seu do coração,

ANDRADA.

P. S. — Se o Mariano pediu, sem ordem nossa, que se nos pagasse a pensão por Londres, então quer-se ver livre da procuração. Se for ao par, estimarei que o consiga; aliás é o mesmo; e estamos perdidos; porque, perdendo os bilhetes do banco 50 por cento, tambem nós os perderemos pela via de Londres. O que Deus quizer.

Amigo e Snr. — Ahi vai a musica das cantigas que remetti. Façam *ribotte* no dia de Reis á minha saude.

Estou pasmado que o Mousinho, que escreveu com tantas finezas e a quem logo respondi, esteja calado. Haverá alguma cousa de novo? O homem não foi contemplado no dia dos annos, em que não houve lesma que não figurasse com Marquezades, Condados, etc., etc., etc.

Saudades a todos.

Illustrissimo.

Talance, 12 de Janeiro
de 1827.

Neste instante acabo de dar a ultima mão á minha Ode aos Gregos; e neste instante lh'a remetto. — Se o amor proprio me não céga, parece-me que a mente não está enferrujada, e que a imaginação ainda chammeja, apezar do frio e do rheumatismo. Se lhe agradar o tal bico de obra, faça d'elle o uso que convier. — Vamos responder agora á sua carta de 6. Agradeço a moafa, que deviam tomar neste dia; mas não era á saude do *Velho do Rocio*, mas da pobre patria, que deviam beber.

Quanto á pensão, o que lhe posso dizer é que neste mez já não recebemos as mezadas, porque a casa de Phillips de Londres nos escreveu que já estavam sustadas. O mais curioso do negocio é que o Mariano nada nos

escreveu; e ainda ignoramos se foi elle quem pediu o pagamento por Inglaterra, ou se foi politicas do Governo para nos ter mais á mão, e dependentes da Legação de Londres ou do Inferno. Pagar-se-ha por alli, ou não se pagará mais? Será ao par, ou com a mesma perda de cambio, como até agora? Nada sabemos. — Se não pagarem mais, estou resolvido, na primavera, a ir trabalhar nas minas de Guatemala, e dizer um final adeus ao Brazil. Queira V. S.ª dar mil saudades á Fanchette, e agradecer-lhe da minha parte e de Narcisa a sua lembrança, e dizer-lhe que responderei brevemente á sua amigavel carta. Continúe com a subscripção por 6 mezes da *Revue* e do *Bulletin des sciences géographiques*, e compre-me a *Revue Americaine* etc., chez Santelli et Comp.ie, place de la Bourse, e o *Traité de Chimie* por Desmarest, 1 vol. 12, chez Malher, passage Dauphine. Quando tiver prompta a conta do que lhe devo, mande-me para a pagar antes que fique vazia de todo a bolsa. As negociações de Ponsonby foram, do que parece, infructuosas em ambas as partes, e a guerra será cada vez mais encarniçada; *tant mieux, ou tant pis?* Deus o sabe. Que faz a Caffila Brazileira, pseudo-diplomatica, e a pseudo-litteraria? Adeus; saudades a todos.

Seu de coração,

ANDRADA.

P. S. Como vão as traducções das minhas papeletas?

Ode aos Gregos

O' musa do Brazil, vem inspirar-me;
Tempéra a lyra, o canto meu dirige;
Accende-me na mente estro divino
De heroico assumpto digno.

Se commigo choraste os negros males
Da escravidão, que a cara patria avilta,
Da Grecia renascida altas façanhas
As lagrimas te sequem.

Se ao curvo alfange, se ao pelouro ardente
O Despotismo a pobre Grecia vende,
As bandeiras da cruz, da liberdade,
Farpadas inda ondeiam!

As bayonettas, que os Servis amestram,
Carnagem, fogo — não assustam peitos
Que amam a liberdade, amam a gloria,
E de Hellenos se prezam.

Como as gottas da chuva, o sangue ensopa
Arido pó de campos devastados;
Como do funeral lugubre sino
Gemidos mil retumbam.

Criancinhas, matronas, virgens puras,
Que a apostasia, que a deshonra vota
O feroz Moslemita, filho do inferno,
Como martyres morrem.

E consentis, oh Deus, que os tristes filhos
Da redemptora cruz, Arabes, Turcos
Exterminem do sólo antigo e santo
Da abandonada Grecia?

Contra algozes os miseros combatem;
Contra barbaros crus, honra e justiça:
A Europa geme: só tyrannos frios
Com taes horrores folgam.

Rivalidades, ambição, temores,
Sejo interesse a inerte espada prendem;
E o sangue de Christãos, que lagos fórma,
Um ai lhes não arranca!

Perecerias, ó Grecia, mas comtigo
Mancharia de Albion honra e renome;
O sordido egoismo que a devora
E' já do mundo espanto!

Não desmaies, porém; a Divindade
Robustará teu braço; e na memoria
Gravará para exemplo os altos feitos
Dos illustres passados.

Eis os mirrados ossos já se animam
De Milciades; já da campa fria
Ergue a cabeça; e grito dá tremendo
Para animar os netos.

« Hellenos, brada, ó vós, prole divina,
Basta de escravidão — não mais opprobrios!
E' tempo de quebrar grilhão pesado
E de vingar infamias.

Se arrazastes de Troya os altos muros
Para o crime punir, que Amor incita,
Então porque soffreis ha largos annos
Estupros e adulterios?

Foram assento e berço ás doutas Musas
O sagrado Helicon, Parnaso e Pindo:
Moral, sabedoria, humanidade
Fez vicejar a lyra!

Ante Hellenicas prôas se acamava
Euxino, Egêo — e mil colonias iam
Levar artes e leis ás rudes plagas
E da Lybia, e da Europa.

Um punhado de heróes então podia
Tingir de sangue persa o vasto Ponto!
Montões de corpos inda palpitantes
Estrumavam os campos!

Ah! porque não sereis o que já fostes?
Mudou-se o vosso Céo, e o vosso sólo?
E não são inda os mesmos estes montes,
Estes torres e portos?

Se Esparta inimiga, Athenas, Thebas
O fratricida braço não tivessem
Em seu sangue banhado, nunca a Grecia
Curvára o collo á Roma.

E se de Constantino a infame prole
Do Fanatismo cégo não houvera
Aguçado o punhal, ah nunca as *Luas*
Tremularam ufanas!

Depois que foste, ó Grecia miseranda,
De despotas brutaes, brutal escrava —
Em a esquerda o *Koran*, na dextra a espada,
Barbárie prega o Turco.

Assaz sorveste já milhões de insultos,
Já longa escravidão pagou teus crimes:
O céo tem perdoado. — Eia, já cumpre
Ser Hellenos, ser homens.

Eia, Gregos, jurai, mostrai ao mundo
Que sois dignos de ser quaes fostes d'antes:
Eia, morrei de todo ou sêde livres.
Assim fallou — calou-se. »

E qual ligeira nevoa sacudida
Pelo tufão do Norte, a sombra augusta
Desapparece. A Grecia inteira brada:
Ou liberdade, ou morte.

Ill.mo

Talance, 9 de Fevereiro
de 1827.

Meu bom amigo e senhor, quando já perdidas tinha as esperanças de ver tão cêdo lettras suas, hontem recebi a sua ultima carta, sem data, que continuava a do Caciquinho da Bahia. — Havia um mez que lhe tinha escripto, remettendo-lhe a minha *Ode aos Gregos*, e, pois V. S.ª me não falla n'ella, creio que se perdeu a carta; se assim é avise para fazer nova cópia e enviar-lh'a. Dois dias antes da recepção da sua carta, recebemos, meus irmãos e eu, cartas do *Caixeirinho* Visconde de Itabayana, de 26 de Janeiro, de Liorne, em que nos participa que a nossa pensão será paga pela Legação de Londres, e que elle no mesmo dia escrevia ao Encarregado de negocios, para que nos remettesse em lettras de cambio o vencimento até o fim do 1.º quartel d'este anno; o que continuaria a praticar para o futuro, se quizermos escusar a nomeação de procuradores em Londres. — Assim, veremos o resultado, para nos resolvermos se devemos continuar assim. — O que ha de mais singular no caso é que tendo o Mariano suspendido as mezadas tambem do Belchior, este não tenha recebido carta de participação do Itabayana, nem d'elle não falle na sua o Caciquinho; é tambem de espantar que o amigo Rocha não tenha recebido dinheiro nem cartas do Brazil desde Agosto. — Serão elles chamados ao Brazil? Mas então, porque se lhes não tem avisado até agora? Se V. S.ª puder penetrar o mysterio, escreva; pois custa-me a crer que esses senhores só quizessem fazer a bocca doce aos Andradas.

Agradeça da minha parte ao Barão de Londres os signaes de amizade que me mostra. Em todo o tempo era de prezar a sua lembrança e mórmente agora em que o só nome de Andrada faz tapar os ouvidos aos *Vayas* do Rio. Agradeça tambem ao *M.* da *Revue Encyclopédique* o epitheto de *illustre Andrada*, e diga-lhe que continue a redacção de outros artigos. Agora verão os Tatambas do Banco se Martim tinha razão ou não. Bem feito que o perfido F. Carneiro tenha fallido em 2 milhões, e que o Orangotango Simplicio extorquisse os 30 contos. — E a Imperial criança vê isto e não faz das suas? Creio que está enfeitiçado pela mãe da Domitilla, que em S. Paulo passou sempre por bruxa. Segundo as noticias de Londres, lá foi para o Rio Grande. Tudo pelo menos andará por lá azul; mórmente agora que o Paraguay lhe cortou toda a communicação, e lhe diz mil injurias, e lhe põem os podres na praça. Ha mais de 3 mezes que não vou a Bordéos por causa dos frios e molestias, e por isso não posso pedir a M.lle Queiroz que satisfaça a sua encommenda; nem a Pepita, pelas suas continuadas enxaquecas, apezar do annel magico, tem vindo por aqui para lhe recommendar este negocio; contudo, farei o que for possivel. Certa pessoa que sabe foi pedida para casamento; mas escusou-se, porque creio que não quer ver senão pelos *lunettes*

rendas; mas está anciosa de saber qual é o verdadeiro estado das mesmas. Ella merece uma resposta *cathegorica* em officio direito.

Quero que se informe o quanto custará *lithographar* com a musica as *Canções Bacchicas*, para remettel-as aos bons Patriotas do Equador. Se a *Revue Américaine* não estiver comprada, não m'a mande, mas sim o *Bulletin* de Dezembro e o mais que lá tem.

Adeus; saudades a todos, e diga ao Innocencio que folgo muito vá ajuntando o que puder do grande P. parda, de infame e bestial memoria. Ora, meu bom amigo, não me dirá o que faz o Moutinho nessa terra; e por que motivo, tendo-me logo escripto uma carta tão cheia de amizade e protestos, emmudeceu até agora? Com a chegada do paquete haverá sempre algumas noticias que mereçam communicação.

Saudades a Madame Delaunay, a quem desejo muito ver para fartar saudades.

Meu bom amigo e Snr.

Sinto muito e muito que tenha soffrido do seu rheumatismo; eu tambem marquejo da mesma olho; e demais as chuvas e ventanias continuas têm me reduzido a tal apathia, que até hoje não tenho podido responder ás suas cartas de 24 de Fevereiro e 6 do corrente; mas hoje fiz um esforço, e vou responder-lhe.

Recebi os livros, e espero anciosamente pelos que faltam. Agradeço a Grammatica grega, que melhor fôra a não ser em grego moderno, e para aprender o francez. Remetto a traducção da Ode emendada; mas as emendas não me agradam; queira V. S. pois revel-as de novo; vão tambem as tres primeiras strophes emendadas; porém ainda assim julgo que a Ode não poderá ser publicada com o meu nome, porque não quero guerra com Inglaterra e santa alliança. Vai a explicação dos termos metallurgicos que me pediu.

Quanto á minha carta sobre o Niger, veja V. S.ª o que querem tirar, e á vista decida como lhe pedir a vontade e brio. O *cabeceirinha* até hoje não remetteu as letras de cambio, e eu temo que o *cabeça papasinho* queira apurar a nossa paciencia.

Será isto porque duvida pagar ao par? Veremos. O Mariano remetteu a segunda via do Aviso para o pagamento, e d'elle consta que o Belchior tambem vem incluido; e todavia o *cabeceirinha* não se dignou escrever-lhe.

O Mariano está de novo casado com a sobrinha da sua defunta mulher; elle mesmo esta vez lamentar a minha sorte e fazer-me elogios; e diz por fim que pela cidade da Bahia tive eu o maior numero de votos para Senador

d'aquella Provincia. A sua carta é de 18 de Novembro passado. José Ricardo tambem me escreveu em 30 de Setembro, e diz-me, entre outras coisas, que os meus livros estavam bem encaixotados, e que pela partida do Chamberlaine iam ser conduzidos á casa do major Santos; assim não ha motivo para escrever a Londres; diz que seu irmão Antonio, que viera preso de Montevidéo, não commettera crime algum, e espera será posto brevemente em liberdade, pois tudo foi intriga de nossos inimigos. Emfim, meu bom amigo, recebi tambem uma carta mui obsequiosa e terna do Soledade, antigo procurador geral do Rio Grande e hoje Senador. Ora, quem me diria que um ex-frade e ex-portuguez seria mais honrado e lembrado que tantos outros Tatambas que me deveram muito?

M.me Queiroz não póde mandar as lettras, porque as não (*copiou?*); e eu não tenho modas brazileiras em musica, ou quem as ponha; e menos musica dos Indios. O que me diz do Montalvão me maravilha. Que veiu fazer este homem cá? E o que faz D. Luiz? O Pedra parda deve estar mais desassombrado.

A morte da Imperatriz me tem penalisado assás. — Pobre creatura! Se escapou ao veneno, succumbio aos desgostos; mas este successo deve trazer consequencias ponderosas, não só para a Domitilla, mas talvez para grande parte do Ministerio.

Os Tatambas agitam-se no Rio, e dizem que tambem em outras Provincias. As circumstancias que me expõem são *momentosas*.

Esperemos; que o presente está prenhe do futuro! Então pelo paquete o amigo Rocha e Montezuma obtiveram o que esperavam? E o Penteeiro foi chamado?

Meus irmãos e Snr.as passam bem, assim como o Belchior. Dei os seus recados a minha mulher e á Narcizinha, que está em pensão em de casa de M.me Bellard, d'onde vai á escola, e já com bastante aproveitamento.

Adeus, meu bom e honrado amigo; fuja de Paris e venha a Bordéos satisfazer saudades e preparar-se para as aguas de Barrege.

Talance, 16 de Março
de 1827.

Seu do coração
ANDRADA.

Talance, 18 de Abril de 1827.

Meu bom amigo do coração, está começada a primavera, e espero que os seus olhos e rheumatismo vão já melhores, para se poder pôr a caminho e dar-me o gosto de abraçal-o. D'aqui a 6 dias deixo com saudade este asylo de socego e vou para mais perto da cidade habitar uma casinha de campo, *Chemin*

de *St Genès* n.º 752, que já aluguei, e estou mobiliando, e onde o meu bom amigo tem já destinado um quartinho para morar.

As noticias, que me deu na sua de 24 de Março e na de meu irmão Antonio, são curiosas. Já sabia que a Bahia queria eleger os tres irmãos para o logar de senador, vago pela morte do *bambo viuvo*, e agora não me admiro do trabalho que teve aquelle bom Governo para impedir essa infernal cabala, bem que não pudesse obstar que pelo menos eu não tivesse na cidade a maioria de votos. Não sei se já lhe escrevi que recebi carta de Maria Amalia e Carlota, de 5 de Fevereiro, havendo alli chegado a 2, com muito feliz viagem e saude; entre outras coisas me dizem que alli todos affirmavam que eu (*seria?*) chamado para Deputado, e que já tinha ido aviso para me recolher; e que o Pires, que V. S.ª deve conhecer, já tinha ordem para me deixar desembarcar immediatamente que chegasse!!! E todavia, até agora nada de participação official. Terá o novo Ministerio, que foi nomeado a 15 do dito mez, mudado de parecer? Se o boato da vinda da I. criança, apezar da constituição, tem algum fundamento, então nada me admirará que por cá fiquemos ainda alguns annos ou tempos. Então que diz do medo dos corcundas em acceitar *pastas?* Deixe correr o tempo, e verá que se recrutará para ministros de Estado como para soldados, que vem amarrados. Quem é este *honrado* cidadão Nobrega, que o Boutrupe pretende lhe abreviaram nos tardios a vida? Será um Monsenhor, ou o meu digno collega antigo? Quão pouco custam as boas reputações no Brazil!

Os jornaes d'Astréa são curiosissimos e mostram a bestialidade da nossa Assembléa. Que de miserias e villanias? Todavia, o seu redactor, que é *pé de chumbo*, não deixa occasião de nos dar pela sorrelfa suas patadas de quando em quando; mas nada de mais original e ridiculo que os sermões do Malagueta, cujo Lunatico não tinha comparecido na Camara dos Deputados, ou por medo, ou por odio figadal á constituição e independencia. Então já o *criador de gatos* está plenipotenciario do grande Imperio do Monomotapa, e o *Pedro garda*, e o *cataclysmo?* E a Josina de A. Telles, apezar da irmã se ter feito acclamar em Chaves Rainha de Portugal, continuará a beijar o *sáss* do Principe Vianez, ou esperará pela vinda de Miguelito para o acompanhar e defender de olhados máos?

Que lhe parece da estrondosa e splendida recepção do Enviado de Columbia? Não é amigo o Bolivar? E não é o nosso Governo amigo do Bonapartismo?

Dou-lhe parte que o *cavalinho* me escreveu, remettendo a lettra dos dois quarteis vencidos, que já cobrámos eu, meus irmãos e o Belchior; porém diz que não se póde encarregar de remetter os outros vencimentos, e que será bom que mandemos procuração ao Costa, de Londres. Eu ainda lhe não agradeci o trabalho, o que farei nesta semana; mas esperamos resposta do *cavali-*

rinho, que se tinha offerecido para as futuras remessas; e, quando tarde, estou resolvido a mandar minha procuração á casa do Samuel Filips, de Londres, que nos escreveu, offerecendo-se para isto. Antes de concluir esta, dou-lhe os parabens das esperanças que lhe dá seu mano. Mas não se gorarão estas com a entrada dos novos Ministros? Comtudo a resposta do Severiano ao *P. pardo*, a respeito do passaporte para o Rio, parece que indica alguma boa vontade.

Adeus; tenha melhor saude, e não tarde de vir abraçar a um amigo que o estima e ama deveras.

Saudades ao Rocha, que perdeu a falla e o uso de escrever.

Seu do coração

J. B. DE ANDRADA.

(Reservado)

P. S. — Queira mandar entregar esta a M.me Delaunay, e procure ver com attenção a uma senhora, que foi com ella visital-o, cuja idade é de 32 annos, e se chama Elisa. Veja se tem feições que se pareçam com as minhas, ou com as de minha familia; mas tudo isto deve ser com toda a dissimulação e melindre. Offereça da minha parte a M.me Delaunay 100 francos, que de tudo será embolsado quando cá chegar.

Responda logo.

Bordéos, 10 de Maio,
1827.

Meu bom amigo e Sr., com a trabalheira da mudança de Talance para o *Chemin de St. Genest n.º 132*, não pude responder ás suas ultimas de 24 do passado e de 2 do corrente. Graças a Deus foi nellas largo de escripta, o que muito estimo, pois, quando leio suas cartas, parece-me que estou a conversar com um amigo a quem tanto prezo.

Recebi uma carta da Delaunay e outra da Elisa, a quem dirá que espero pela vinda de V. S.ª para melhor responder. O negocio é delicado e o romance é complicado. Traga o retrato da Elisa, que promette enviar-me a Delaunay.

A carta da Elisa é bem escripta, e com muita ternura e siso. Emfim, chegou o paquete, e o negocio do nosso regresso está no mesmo pé de incerteza, como d'antes, e poucas ou nenhumas esperanças me restam, apezar de uma carta de Bellard á irmã, de 25 de Fevereiro, que remetteu pelo navio *Nestor* e chegou a 8 d'este, onde, levado pelas illusões da amizade, diz o seguinte:

« On parle beaucoup de notre ami de Talance; tout le monde ici le désire; et on assure qu'il n'y a que lui capable de tirer ce pays du mau vaispas dans lequel il se trouve. Il est aimé de beaucoup de monde, et estimé et considéré

de toute la nation ; c'est un hommage rendu à l'homme le plus vertueux du nouveau monde. On parle beaucoup de son arrivée prochaine à Rio-Janeiro, et on assure que les ordres sont partis, etc. » Quando no Rio se me louva, em Paris se me calumnia ; estou no caso de Santo Agostinho : « *Laudatur ubi non est, cruciatur ubi est.* Não me admiro do novo ataque ao caracter politico dos pobres Andradas, e só do elogio da minha *probidade politica*, que não entendo ; como igualmente de que fui deportado por me metter a defensor do Boticario Pamplona?

Que tal, meu bom amigo ?

Que sucia de vis escrevinhadores? que impudencia de imprimirem que 40 pais de familia foram *mis à mort !!* Os *relegués* para o Rio e diversos lugares de S. Paulo não chegaram a 15. E quem os fez sahir fui eu, que estava no Rio, ou a Imperial criança, que lá se achava com o Ex.mo p..., hoje em Paris escrevendo abominaveis mentiras? Já se não lembrará das portarias que assignou? E porque esquecerão os que depois da dissolução da Assembléa foram desterrados e perseguidos em muito maior numero? Que patifes! .

Agradeçam-me a boa vontade que tenho de dar-lhes um pontapé no c., ainda que fosse á surrelfa ; mas estou em Bordéos.

As noticias diplomaticas do ultimo paquete são façanhudas e provam que nem todo o Helléboro das Ilhas Gregas é capaz de dar juizo a tal gente. Que? O Arigão, conhecido pela policia de Paris, Ministro em França? E o medico Barão, e valido da Domitilia, que assistiu á misera Imperatriz em Vienna? Se Antonio Telles continúa com a sua *bigamia* masculina em Londres, como é de crer, que papel não vai fazer em Inglaterra? Note que toda a diplomacia está em mãos *chumbadas*. Será tambem o escrivão Getulio europeu? Apezar de tanta sandice e brutalidade, os Tamoyos do Rio estão quietos, apezar de não serem contidos senão pelo batalhão de S. Paulo e por 200 facinorosos extrangeiros. Que gente pacifica e santa! Ao *Pedra parda* inculque que vá para a India, que é terra barata, fazer versos como os seus narizes; que poderá dar-lhes alguma novidade, escrevendo-os *em phrase de etiqueta ministerial*.

Para concluir, digo-lhe que parta quanto antes para cá, pois já tem cama comprada e prompta.

De encommendas, nada ha que queiram essas senhoras todas ; da minha parte só tenho que accrescentar que, se a *Revue Américaine* lhe parece coisa capaz, m'a traga.

Adeus ; saudades a todos, e principalmente ao amigo e Snr. Rocha, cuja sorte lamento.

Seu de coração;

ANDRADA.

P. S. — Recebeu a Ode aos Gregos, etc. ?

Bordéos, 23 de Janeiro,
1828.

Ill.mo

Meu bom amigo do coração, recebi com muito prazer a sua ultima de 10 do corrente por duas causas: porque vejo que ainda se lembra de mim, e porque os sentimentos acêrca da minha boa e honrada irmã honram o coração do meu bom amigo.

Ora pois, fique socegado, porque ella está livre por esta vez, e *evitou a Libitina*, graças ao *Ledevise*.

Nas suas duas cartas a Martim, queixa-se V. S.ª do meu silencio epistolar. Passe por isto; mas ao mesmo tempo suspeita que lhe perdi a amizade, e que não soffro. Não respondi á primeira porque esperava que me dissesse onde parava, se em Anvers, Amsterdam, etc., etc. Demais, não tendo coisa de monta que communicar-lhe, era desnecessario carregar a sua ou minha bolsa com portes de cartas. Está satisfeito? Lembra V. S.ª que seria bom fazer um *poemeto* contra os magistrados do nosso paiz. — Mas para isto, caso o merecessem estas lesmas, que esmagadas fedem como os percevejos, é preciso receber influxos apollineos; porém bem sabe que o deus loiro é assás escasso commigo de audiencias.

Apezar de tudo, aproveitei uma para fazer uma Ode aos Bahianos, que queria imprimir aqui, mas que os conselhos de meus irmãos e mulher não m'o consentem por ora. Comecei a lançar no borrador alguns pensamentos para uma carta a *João Mendes Carapeba*, em que darei algumas azorragadas aos nossos Areopagistas; e em uma especie de homilia tratarei dos pontos seguintes: 1.º *Invenitur ne glorioris unusquam?*; 2.º *Vinte saias, nenhuma saia*; 3.º *Não sou santo, sou um Demonio*; 4.º *Leve o diabo aos que têm os joelhos dobradiços e os beiços risonhos e fechados*, etc., etc., etc.; porém, para satisfazer ao intento, cumpre estar mais de sangue frio e com reposo d'alma, o que vedam a devassa e sentenças, e tambem a falta do dinheiro da pensão, que até hoje não chegou. Viu V. S.ª mais bestial devassa, e mais infames sentenças?

Essa gente está de certo louca ou bebeda. Já me tarda a ida de meus irmãos para os ver esmagar tão vil canalha. Não tema nada, meu amigo, ou isto é entremezada pueril, ou vistas da Providencia para algum bem futuro do paiz. Se ella se publicar com notas juridicas e historicas em francez, então verá o mundo o que é o Brazil; — um vaso de contradicções, despropositos e infamias. Esses patifes nos perseguem com odio tão figadal que saltariam de prazer, se podessem inventar outro peccado mortal, além dos sete christãos, para nos lançarem ás costas.

Vamos a outras coisas. Diga-me se pagou a subscripção para o *Jornal de Medicina* ao Dr. Bermudes, ou se foi o Rocha, para o satisfazer. Diga-me como vai de amores? *A propos*; cá veiu ter M.me de Launay, e aqui está ha

perto de um mez, porém eu tenho guardado um silencio absoluto sobre o romance da *Eliza*. Estou com meus escrupulos sobre o amigo Roche, que me parece ou muito timido, ou muito machiavelico. O tempo o mostrará.

Adeus, meu bom Menezes; receba muitas saudades de todos, e os meus sinceros agradecimentos pela sua generosa offerta.

Seu de coração,

ANDRADA.

P. S. — Se ha algum catalogo impresso dos alfarrabios, em que me falla, remetta-m'o por via commoda e barata. Que foi feito da minha *Viagem Mineralogica?*

Ill.mo Am.o e Snr.

Com summa magoa de meu coração vejo-me obrigado a ser nuncio de más novas; mas V. S.ª me força a tão triste mister. O Snr. José de Menezes deixou de existir pelas 2 horas da tarde, no dia segunda-feira 28 do mez passado, hora e meia antes de chegar a esta sua casa. Imagine a este espectaculo as lagrimas e afflicções de mim e de toda a minha familia! Nunca vi magreza igual; e com effeito, ainda hoje me admiro como, em tal estado, poude elle soffrer 11 dias de viagem; mas os cuidados e ternura com que foi tratado pelo bom Juvencio, que o devia acompanhar até ás Caldas, sem duvida prolongaram por alguns dias mais o sopro de vida, que ainda o animava. Foi enterrado no dia seguinte, se não com muita pompa, ao menos com toda a decencia e officios da Igreja. — Pobre joven, hoje jaz sepultado em terra estranha, no cemiterio da Cartuxa. Segundo noticias, o seu genio desconfiado e uma miseravel creatura, que o levou para o campo e o sequestrou das vistas de seus patricios, foram em grande parte a causa da sua prematura morte. Mas que remedio! *Durum, sed levius fit patientia quicquid corrigere est nefas.* A natureza exige um desafogo, mas a razão o modera; e mais que tudo esperemos do Tempo consolador o lenitivo a suas justas magoas.

Meu bom amigo, algumas outras coisas teria de communicar-lhe; mas a occasião é avessa a outras communicações.

Receba mil saudades de Narciza, de Juvencio e de todos que o amam como merece.

Bordéos, 1 de Agosto
de 1828.

Seu amigo verdadeiro,

J. B. DE ANDRADA.

Ill.mo

Bordéos, 3 de Março
de 1829.

Meu bom amigo e senhor, recebi com summo prazer a sua ultima de 21 do passado, mas devo protestar contra as causas do meu apparente esquecimento. — Não foi só a falta de saude, o inverno e a minha habitual preguiça, que me impediram de responder ás suas cartas, mas principalmente o não saber para onde devia dirigir as respostas, pois nunca V. S.ª me dizia onde as devera encaminhar na sua aventurosa perigrinagem. — O meu coração não é mudavel, ainda mesmo quando ha motivos de justos arrufos. Vamos satisfazer ao que quer saber. — A chave que tem minha mulher não é do caixão, mas sim da cêrca que rodeia o terreno onde estão depositados os ossos de seu caro Irmão, cujo cadaver foi encerrado em 3 caixões pregados. O corpo póde ficar em repouso por nove annos; o terreno, no caso de se lhe mandar elevar um monumento, custará 400 francos; o caveau de pedra outros 40; e o monumento superior á sepultura não tem preço fixo, porque dependerá da qualidade e obra d'elle. — Para limpar a terra, cuidar das flôres e dos cyprestes, quer o homem que cuida nos outros 30 soldos por mez. Diga o que quer que se faça a esse respeito. Eu projecto partir para fins de Abril ou meiado de Maio para o Brazil, não só por não expôr minha familia aos incommodos de uma viagem de inverno, mas para cobrar o meu quartel de Abril, pois estou quasi sem dinheiro para os preparativos indispensaveis da viagem; bem que parte d'aqui até 20 d'este um navio, o *Gustave Anna*, de 180 toneladas, para o Rio de Janeiro.

Muito folgaria que V. S.ª escolhesse esta via por Bordéos, para ter o gosto de dar-lhe o ultimo abraço e jubilar-me com o vêl-o desencantado das feiticeiras Gallicanas.

Parta, meu bom amigo; vá ver se ainda póde ser util ao seu desgraçado paiz. — É moço, tem visto e estudado o mundo, e sabe a fundo a perfidia e machiavelismo dos Gabinetes europeus, que tem arruinado a nossa terra. — Forceje por lhe ser util, já que a minha idade provecta e o desengano de um mundo corrompido e ingrato me privam de todo o trabalho e de qualquer esperança.

Fico-lhe muito obrigado pela amigavel offerta da sua quinta, mas não devo aceital-a, porque, aborrecido por todos os partidos, que como abutres esfaimados dilaceram e roem as entranhas do Brazil, seria de novo comprometter a V. S.ª e mórmente a seu timorato Irmão, que já sentiu o que custa ser amigo dos Andradas.

Recorde saudades do Belchior, de minha mulher e da minha boa Narcizinha; e dê-as a tudo o que lhe interessa, pois sou humano, *et nihil humani a me alienum esse puto.* Responda e dê noticias politicas que possam interessar.

Seu do coração,

ANDRADA.

Illmo

Bordéos, 2 de Abril
de 1829.

Meu bom amigo e senhor, com muito gosto recebi a sua carta de 25 do passado, e estimarei que parta quanto antes para o bom paiz dos *Tutambas*, onde desejo que não se applique só a ganhar dinheiro, mas tambem a servir a sua desgraçada patria, que tanta precisão tem de homens instruidos e activos.

Eu conto partir d'aqui a 10 ou a 15 de Maio no navio *Phenix*, e, como ajustei não pagar senão a metade da passagem aqui e a outra no Rio, e para isso póde bastar a minha pobre bolsa, — eis o motivo por que não acceito a sua generosa offerta, que talvez lhe seja mais necessaria lá. Como eu não quero ir para a casa de meu sobrinho ou do Mariano, e ao mesmo tempo não quero descontental-os, por isso tambem não posso acceitar igualmente a outra sua offerta da quinta; mas lhe rogo queira alugar-me uma casinha para onde nos recolhamos esses poucos dias que ficarei no Rio, para requerer, em paga da grande (*perda?*) que soffri com o desterro violento e rapido, a execução do Decreto de S. Magestade, já enviado em 1825 a S. Paulo, pelo qual se me mandava pagar a metade dos ordenados que cobrava em Portugal; como tambem para ver se recolho o resto dos meus livros, etc., e a minha collecção de mineraes, machinas e modelos, que deixei na casa do nosso Franciscinho. — Se tudo isto está perdido, então paciencia. — Lá vão perdidos mais de cem mil francos, que faziam toda a minha riqueza.

Descanse sobre o negocio de seu defunto Irmão; agora recommendarei isto ao amigo Mr. Eszart, livreiro *au cours de Tourny*, e lhe pagarei o anno inteiro, que é uma bagatella. — Agradeço-lhe a offerta da leitura das *Revues*; e em vez de mais subscripções, bom era V. S.ª levasse para o Rio alguns instrumentos aratorios, que possam ter applicação no Brazil, etc.

Pobre Portugal, e pobre D. Pedro, que não teve ao lado quem lhe abrisse os olhos sobre a infernal politica da Europa, assim como não teve sobre a bestial guerra de Buenos-Aires! — Para que não succeda o mesmo ao successor do throno, grite, meu bom amigo, que lhe dêm quanto antes um aio, homem

de energia, probidade e saber. Sem educação, quem nos assegura que não saia um novo D. Miguel, para infelicidade sua e do Imperio? — Mas basta de politicas, que só servem de affligir os amigos do bem e da patria. — Pobre patria, representada na Europa por Brants, A. Telles, Cunhas, Linhares etc., etc., etc.!

Diga ao meu bom amigo Rocha, que estou muito enfadado com S. Ex.ª deputado, que ha mezes não tem achado um momento livre para escrever-me.

Dei os seus comprimentos ás pessoas suas recommendadas, que todas lhe agradecem as despedidas.

Seu de coração,

ANDRADA.

P. S. Ainda não sei das listas dos novos Deputados das Provincias; porém se forem tão bem escolhidos como os do Rio, adeus Imperio. O que vejo é que são poltrões e beatos. Não tenho tempo, por isso não lhe envio a minha Ode aos Bahianos, que não desmerece, se não excede á dos Gregos.

Ill.mo

Pelo capitão Mamignard mandei dizer a V. S.ª que me mandasse 50 mil réis em cobre que estava já *a la lune* e já devo 10 patacas ao Custodio. Queira entregal-os ao Snr. Antonio Joaquim da Silva Garcez, Boticario da rua dos Pescadores, na travessa, para que os mande entregar aqui ao visinho e amigo Custodio. Estou sem Gazetas ha duas semanas, porque o Aquilino, que m'as remettia aqui, creio que está sem vintem. Se V. S. as puder haver, queira enviar-m'as pela via do Boticario.

Adeus; saudades de todos a todos.

Sexta-feira, 23 de Julho.

Seu de coração,

ANDRADA.

Ill.mo

Ainda estará doente? Assim o temo, visto ha tanto tempo não ter escripto ao Farropilha-mór da Republica das formigas.

Ora, pois, o dia de Santo Antonio está á porta, e é preciso fazer um esforço para vir beber commigo um copo de champanha.

Diga-me se já pagam no erario.

Em todo o caso, mande-me pelo Maraignard, no caso de não poder absolutamente vir, cincoenta mil réis em cobre.

Tambem sirva-se dar ao portador d'esta, o valente patriota Porto Seguro, um conto de réis, passando-me uma obrigação de divida por um anno, com o juro da lei, podendo dentro d'este prazo ir pagando por parcellas. Logo que lá for lh'o pagarei, por ser preciso tirar primeiro o bahú que lá está, e segundo um caixãozinho, cuja chave não posso mandar por agora.

Adeus; saudades ás senhoras e á comadre.

Seu de coração

ANDRADA.

Ill.mo

Recebi a sua e dou-lhe os parabens da sua proxima viagem, bem que sinto muito igualmente perder a sociedade de um amigo. Venha logo a estes seus estados, e falle ao Paranaguá pelo portador, que estimo pelo caracter, e desejo que seja servido.

Seu am.º e cr.º

ANDRADA.

P. S. — Traga comsigo pelo menos quatro caixões de livros.

Ill.mo

Domingo.

A carta de Martim é de 7 de Fevereiro, e é nella que me dá parte que vem com minha filha e netos para a minha casa. Não sei por que fatalidade só agora é que recebo esta carta, que creio ficou trasmalhada entre os papeis do nosso Nabab, que creio traz a cabeça no centro da gravitação, ou ponto de apoio da machina humana.

Logo que Martim chegar, conduza-o a essa sua casa, e dê-me parte para ir abraçal-o. Confio no meu amigo, que lhe apromptará tudo o de que precisarem até a minha chegada.

Cá vamos vivendo, e a tirar formigas, que é nunca acabar; o que já começa a fazer-me perder o gosto da chacarinha, e a chorar o dinheiro que nella já tenho gastado e tenho de gastar.

Adeus; tenha saude, e dê as novidades do tempo, e se já sabe alguma cousa da carta que o Nero de Portugal escreveu ao irmão, etc., etc.

Seu de coração

ANDRADA.

Ill.mo

Recebi o seu bilhete, com que folguei muito, pois agora só por lettras sei alguma coisa da sua pessoa e saude.

A minha obra vai aos pulos, depois que aqui cheguei; mas com o café e esta não ha tempo para continuar as Fantasmagorias. Se não quer entrar nellas, logo que puder compareça aqui em proprio vulto; e, quando vier, traga-me o meu alambique e tambem as botas e almofadinha, se é que ellas existem ainda em propriedade minha; pois, segundo dizem de lá, o boticario, não entendendo a lingua de *Cabinda* do preto que as levou, as recambiou pelo mesmo selvagem.

A Narcizinha deve ir quanto antes para a pensão de M.me Touloi, para aprender a piano, continuar a cantoria, e ver se tem geito para o desenho, lêr, escrever e contar na lingua de N. Snr.ª

Adeus; saudades ao Nabab de Arcote, etc., etc.

Rogo a continuação da remessa das gazetas, e agradecimentos ao amigo Cruz

Seu general e amigo

ANDRADA.

Nhonhô Antonio.

Eu fico sozinho hoje em casa; se mecê, meu sinhozinho de França, prefere comer pirão e feijão com toucinho á Paulista aos quitutes do grandiosissimo Senhor D. Luiz de los Panneas, cá o espero; se não, Deus ajude a mecê.

Seu muleque

ANDRADA.

Meu bom amigo.

Veja se me póde obter os dois *Diarios* parentes, o do Governo, em que vem o meu despacho pecuniario, e o do Planché, onde vem não sei que, que me diz respeito. Se puder hoje saiba do menino bonito a significação das palavras sobre quintas.



II

MARTIM FRANCISCO RIBEIRO DE ANDRADA

Ill.mo Snr. Antonio de Menezes Drummond.

Bordeaux, 2 de Setembro
(de 1827).

Meu bom amigo, recebi a carta de V. S.ª e já respondo a ella.

Folguei com a noticia, que me deu, de haver recebido carta de seu mano, de estar elle solto e restituido ao seu emprego: quando lhe escrever, dê-lhe vivas saudades minhas.

Quantas risadas, porém, dei com a minha pronuncia e a dos meus companheiros, deportados pelo governo, ou fugidos para escaparem ás violencias do mesmo! Pronunciados por escriptores ou redactores, é cousa nova, porque suppõe uma lei que véde o escrever, e é ainda mais extraordinario, quando similhante pronuncia se estriba no debil testemunho de vozes vagas; todavia, quero suppôr que não somos pronunciados por escriptores, etc., mas sim por havermos professado em nossos escriptos, doutrinas defesas pela lei: neste caso havia um abuso de imprensa, e deviamos ser chamados perante os jurados, que tinham, á vista da nossa defeza, de absolver-nos ou condemnar-nos, e portanto a devassa é nulla; a ordem do infame Ministerio, a obediencia do vil Magistrado e sua pronuncia, são actos de accusação a mais legitima contra uma e outra autoridade em toda esta vergonhosa transacção; o que mais me horrorisa é ver o desgraçado Francisco Antonio tambem pronunciado; quero dizer, o espancado tido por criminoso, e o espancador livre e innocente.

Vi as patifarias e desaforos de José Fortunato; não sei de que mais me deva espantar, se da insolencia de um Mouro, se da abjecção e baixeza de um Brazileiro.

Entre os povos da Europa mais corrompidos, insultos d'esta natureza vingam-se com a morte; entre humildes christãos, quaes os Brazileiros, toleram-se e ás vezes agradecem-se: qual será a sorte futura de nossa patria? Desconfio, meu amigo, que não venha a ser o despotismo.

Passemos ao augmento das rendas da Alfandega no mez de Maio. — Duzentos e quarenta e tantos contos são o rendimento dos direitos de importação e exportação naquelle mez; então não houve augmento algum, e pelo contrario, grande diminuição, filha das causas que sabemos, e das outras apontadas na carta de seu mano o Snr. Luiz de Menezes; se, porém, um tal rendimento pertence exclusivamente á Alfandega, como supponho, esta apparencia de riqueza e prosperidade é uma anomalia á primeira vista, mas de facto é resultado necessario, bem que por pouco tempo, do estado miseravel em que se acha o Brazil. Passemos á explicação. Em todo o paiz que se reforma,

quando nelle apparece uma revolução em sentido retrogrado, isto é, contra a opinião pública, as riquezas deixam de circular, as classes activas e industriosas, como feridas de raio, suspendem seus trabalhos, e este estado de apathia prolonga-se e dura algum tempo, se ha esperanças de outra revolução mais feliz; tudo isto se viu no Rio depois da dissolução da Assembléa, segundo affirmam as gazetas inglezas no Rio; não ha governo, mas uma anarchia doce; o povo conserva-se tranquillo, mas descontente; o commercio está paralysado, o cambio está a 47 $^1/_4$ e espera-se que desça cada vez mais.

Se, porém, situação tão infeliz continúa sem visos de melhoramento, então apparece um momento de força e actividade em todas as classes da nação; é o começo da gangrena no corpo enfermo, que termina pela morte; o productor reduz suas producções a moeda, porque quer, ou escapar á tyrannia, ou adoçar seu oppressor; o commerciante nacional termina com o mesmo fito todas as suas transacções mercantis, e o estrangeiro procura apurar todos os seus fundos, para abandonar um paiz de calamidades; realiza-os em moeda, se esta não dá prejuizo no paiz para onde conta passal-a, ou em effeitos, quando perdem nella. Eis a causa do grande rendimento no mez de Maio, que talvez se estenderá ainda ao de Junho e Julho, só devido aos direitos de importação que pagaram as mercadorias existentes na Alfandega, então despachadas e vendidas, e aos de exportação dos generos que sahiram em pagamento das multas: semelhante prosperidade é ephemera, e só indica desgraças futuras e por longo tempo.

Se ajuntarmos a esta causa as seguintes que são obvias, como por exemplo, as muitas licenças dadas inda em meu tempo (nos mezes de Junho e Julho) para a sahida da prata hespanhola para a Africa, com o fito de promover o trafico de escravos, e augmentar as rendas do Consulado; este commercio ainda mais augmentado em consequencia do temor de sua prompta suppressão; a grande venda de vinhos, que haviam entrado depois do Decreto ultimo, e finalmente, a entrada forçada no porto do Rio de mercadorias destinadas para Pernambuco e outros portos das provincias do Norte, e impedidas de nellas entrarem por causa do bloqueio, temos explicado ou dado a razão de um tal augmento.

Quanto ao emprestimo, só posso dizer a respeito d'elle que os seus autores e agentes são todos dignos de uma forca.

O que eu tinha a dizer sobre os retratos, já meu mano disse ao amigo Rocha; por isso nada accrescento.

Meu mano pede que acceite esta por sua, e eu peço o mesmo ao bom amigo Rocha; e envio saudosas lembranças, tanto a elle, como a seus filhos.

Adeus, meu bom e caro amigo; disponha da vontade do

Seu do C.

M. F. R. de Andrada.

Bordeaux, [illegible] de Setembro
(de 1824).

Ill.mo

Demorei esta resposta á espera da carta do amigo Rocha com o resultado das investigações, de que o haviamos encarregado, mas como elle suspendeu as suas correspondencias, depois que deu fundo nos fundos da Parisiense de 16 annos, nada mais tenho que esperar e principiarei pelo decantado emprestimo.

Sempre que o senhor e meus collegas, arrastados pelo exemplo pestifero dos Estados novos e velhos, propozeram em conselho um emprestimo para o Brazil, pude com argumentos sem replica estorvar medida tão perniciosa. Estou e sempre estive convencido que a theoria de emprestimos era um abysmo, em que mais cedo ou mais tarde deviam ser precipitadas todas as Nações; que os Governos nunca os adoptaram senão para opprimirem mais facilmente os povos; que um emprestimo contrahido por qualquer Estado é um symptoma da prodigalidade do seu Governo, ou a morte d'este espirito de ordem e de economia, primeiras bases de toda a boa administração financeira; que os emprestimos concorrem a excitar a sordida cobiça dos Cidadãos e a amortecer em seus corações o sentimento desinteressado do amor da patria; que as chamadas despezas extraordinarias são perolas doiradas, engulidas por povos boçaes, porque de commum nenhuma ha, que não tenha sido prevista com antecipação pelos olhos perspicazes da politica e que se não possa remediar sem o soccorro dos emprestimos; que, finalmente, os povos quando querem ser livres, têm muitos recursos em si proprios: os Gregos, abandonados de toda a Christandade, têm resistido ás forças da Porta, e não é o emprestimo presente que os ha de salvar; os Hespanhóes, que não estavam maduros, cahiram, e o emprestimo não os salvou: o Brazil resistiu a Portugal e prosperou sem emprestimo, e jaz hoje no estado o mais calamitoso com elle. Se d'estes principios geraes, com que combatia similhante projecto, eu descia a miudas considerações sobre a situação politica do Brazil naquelle tempo, eu via o povo contente e concorrendo com subscripções voluntarias para as novas precisões do Estado; via os melhoramentos e reformas da administração produzindo um progresso quasi incalculavel nas suas rendas e estas bastando a tudo; via Portugal cada vez mais fraco e decrepito, seus exercitos sacudidos do Brazil e o de Montevidéo prestes a soffrer a mesma sorte, e com a sua sahida o termo da grande divida que nos devorava; via por ultimo o Brazil livre de outros inimigos e cada vez mais forte pela união successiva de todas as Provincias, e concluia de tudo, que não havia necessidade de contrahir emprestimos. Neste tempo deixava de juntar a todas estas razões outra tambem de grande peso, e vinha a ser o cabal conhecimento que no dia 30 de Outubro tive das sinistras intenções do monstro, e o grande risco

que corria a causa publica, se nas suas mãos se depositassem novos sobrescriptos de força.

O conselho então annuiu ás minhas ponderações; o despota, bem mão grado seu, acquiescia a tudo, e a questão do emprestimo dava em agua de varrella. Note que já então o Felisberto, sem ter ordem, escrevia ao Ministerio, fazendo ver a necessidade de um emprestimo, entendia-se com os capitalistas de Londres e os forçava a escrever com o offerecimento das mesmas condições, que elle agora acceitou; elle, pois, levava tratado o negocio. Note mais, que nesse tempo eu o recusei com o premio de 5 por 100 e os juros de 5 por 100, peso metallico por peso metallico; que não havia moeda, e baixa, fabricada em Londres; que não havia dividendos retidos, nem as usuras das 300.000 £ adiantadas, e nem as commissões, etc. dos Felisbertos e outros *quadam furfuris*. Note finalmente, que então não havia uma Constituição, que vedasse ao Governo similhante medida, e que, para encarregar-se de contrahir o dito emprestimo, tinha vindo ao Rio de proposito um sujeito capaz, cujo nome calo. A nada d'isto attendi; recusei o emprestimo com tão favoraveis condições e disse a José, que Felisberto, pelos factos acima referidos e por outros de conhecida ignorancia, ou de notoria lesão dos interesses do Brazil, devia ser mandado recolher.

Todavia este emprestimo apparece hoje contrahido, e o mesmo homem, que antes traficava sordidamente com os interesses de sua patria, é d'elle o principal encarregado! Póde haver uma maior traição da parte do Ministerio? E que castigos elle e seus agentes não devem esperar da vingança nacional, se um dia os Brazileiros forem capazes de recobrar sua liberdade?

Passemos ao exame de tal emprestimo, na hypothese de já concluido: ajuntemos a perda de 25 por 100 de premio, os juros de 6 ⅔, porquanto 5 por 75 de valor real corresponde a 6 ⅔ por 100 de valor real; as commissões e corretagens dos nossos agentes, as usuras extraordinarias resultado das 300.000 £ adiantadas, a perda da moeda de ouro, fraca, remettida para o Brazil, os prejuizos soffridos nos pagamentos em notas do banco em razão do cambio, cada vez mais desfavoravel a nós, as perdas provenientes da demora dos pagamentos, ou os descontos offerecidos áquelles que os fizerem por uma vez, e estes crescendo á proporção que as noticias do Brazil se tornam mais assustadoras, isto é, á proporção que cresce o risco do emprestador, e verá que, em ultima analyse, o Governo do Rio perde muito mais da metade do emprestimo total. Supponhamos além d'isto, que o emprestimo, devendo ser consagrado ao emprego de certos fins, deixou de ser ultimado em tempo competente; que o Governo depois consumiu toda a sua importancia na compra de barcas de vapor, na de cavallos arabes, como me asseguram, e na de outras miserias d'esta natureza; ou, como dizia a *Estrella Brazileira*, em dar repetidos jantares á tropa, com o fito de a chamar ao seu partido, ou em

sustentar e pagar esquadras, que bloqueiem os portos das Provincias do Norte, que mais cedo aventarão seus perjurios, suas perfidias e traições; e então concluirá commigo que, se o Governo teve ao principio vistas uteis á patria, ellas foram frustradas, ou em outros termos, que o emprestimo não era necessario; que se pelo contrario é traidor á causa de seu paiz, ou então o povo brazileiro tornou-se mais fraco para resistir ás invasões externas e á tyrannia interna, porque ficou sobrecarregado da nova divida de [illegible] milhões e dos juros, que tem de durar até sua total extincção, e tem de curvar-se ao jugo ferreo de um monstro tal, qual P., ou, para salvar-se, precisa unir-se e arremedar de algum módo o exaltado patriotismo da Grecia moderna. Serão elles capazes de tanto? Deus o permitta.

Creio ter demonstrado, em tudo o que tenho dito acêrca do emprestimo, a conhecida traição do Governo e o risco em que elle está de ser sacrificado pelo odio popular, quando despontar o dia das vinganças. Todavia, o Governo póde escapar fugindo ao justo castigo que merece; e quanto ao remorso de haver sido traidor á sua patria, é grito que nunca se faz ouvir em corações gangrenados.

Mas os capitalistas de Londres poderão escapar ao risco de perder os seus capitães, havendo-os emprestado a um Governo que, pela constituição que jurára, não podia contrahir emprestimos? Sobretudo quando a mór parte das Provincias ao norte do Rio se declaram independentes, e quando é de temer que similhantes idéas lavrem pelas outras? Poderá, emfim, Inglezes, os mais zelosos defensores dos direitos do homem, escapar ao ferrete ignominioso de haver dado armas para se opprimir a independencia e liberdade brazileira? Debaixo d'este ultimo ponto de vista não os posso desculpar.

Eis pouco mais ou menos o que diria, se pretendesse publicar minhas idéas a este respeito, mas por hora não estou d'este accôrdo. Se V. S.ª for de opinião contraria, póde extrahir o que lhe parecer acertado e fazer imprimir, tendo o cuidado de que não appareça a menor idéa de que V. S.ª ou eu somos os autores de similhante papel.

Folguei muito com a noticia, que me dá, das novas medidas tomadas pelos Pernambucanos, e com a esperada futura adhesão dos Bahianos. Oxalá que similhante febre revolucionaria lavre por todo o Brazil! Teremos de soffrer causticos e sangrias, mas é o unico meio de escaparmos com vida e de obtermos a liberdade e a independencia. A noticia da morte de Iturbide vinha do céo, mas precisa ainda da confirmação.

Communiquei a José as novas negociações do amigo Rocha: José deseja estar em Paris para coadjuvar o seu consorcio, ainda mesmo com a perda dos oculos; rio tanto que o negocio chegou aos ouvidos do França: que resultou d'isto? O Rocha ficou mal conceituado por elle e José ficou inhibido de pôr pé fóra da quinta.

Diga a Rocha que Belchior ha de responder á sua carta por toda a semana que entra. Adeus, meu caro; V. S.ª, seu mano e todos os Rochas acceitem mil saudades dos Andradas, e demais o coração saudoso do

Seu fiel patricio e amigo
M. F. R. d'Andrada.

Procure no Correio uma carta que José lhe remetteu.

Ill.mo Am.º e Snr.

Bordeaux, 19 de Setembro
(*de 1824*).

Agora recebi a carta de V. S.ª e agora mesmo respondo. Não vale a pena, meu caro, o gastar tanto tempo com a defesa da sua nova conquista; negociações d'esta especie foram e serão sempre um dos primeiros encantos da vida humana, e da sua com algum afinco. Portanto, neste negocio só tenho a recommendar-lhe que ponha em pratica o *parvo vivitur bene* do bom Horacio, quero dizer que ajunte a parcimonia do goso á parcimonia da despeza.

Participarei a José a proxima chegada da Snr.ª Flores e o quanto ella ama espetar as suas afflições no prego dos sabios; duvido porém que elle queira, ou possa encarregar-se de similhante tarefa, porque, depois da perda dos oculos, por não acertar com a entrada e mais escondrijos dos lexicos, tem se consagrado todo a matar caracóes; demais, talvez tema alguma repulsa da parte da bella e espirituosa afflicta, porque nem todos são felizes como o amigo Menezes.

Não me admiro do que tem dito Wanzeller a respeito da expedição contra o Brazil: eu não creio só que o I. a pedio, creio demais que o emprestimo do Brazil é quasi todo empregado nesta expedição; que o I. está na melhor intelligencia com o pai e que ambos trabalham de commum accôrdo para a união dos dois Estados e escravidão de ambos, deprehende-se dos seguintes factos: 1.º da deportação dos autores e defensores da independencia e liberdade do Brazil; 2.º do projecto de entrega dos mesmos a Portugal; 3.º de um Ministerio todo composto de chumbistas, ou traidores á causa da independencia; 4.º de Senadores do mesmo estofo; 5.º dos insultos continuos feitos a Lord Cockrane, com o fito de que elle abandone o serviço d'aquelle paiz e por este meio se torne mais facil a entrega da

esquadra brazileira ; 6.º da resposta de João VI ás Côrtes, em que lhe aconselhava o ataque do Brazil ao menos por honra sua ; 7.º da remessa do estupido Queiroz para o Rio, tão conhecido por pé de chumbo, e por instigador das tropas para que se sublevassem a favor de Portugal.

Se os periodicos d'essa Capital não estão comprados por Borges, então é grande a estupidez dos taes periodistas, quando referem o facto de Queiroz e a resposta de João VI, como provas do proximo reconhecimento da independencia brazileira.

Eu quizera que o amigo Menezes accrescentasse todo este paragrapho, com as modificações que julgasse apropositadas, á minha antecedente sobre o emprestimo, em logar competente, e que, a ter pessoa de confiança e segura em Londres, encarregasse a dita pessoa da impressão da referida carta com as necessarias correcções ; é, porém, de advertir que a carta deve apparecer como vinda do Brazil, e para este fim é mister cortar d'ella tudo o que a possa fazer suspeitar obra da nossa sociedade.

Quanto a Muniz Tavares, suspendamos por hora todo o juizo a respeito d'elle ; o tempo, que descortina tudo, um dia nos offerecerá em toda a nudez, ou os seus crimes, ou o seu patriotismo.

Já Antonio lhe communicou a noticia do Decreto para o nosso regresso ; diga-me o que colligiu d'elle, que eu depois direi tambem a V. S.ª o meu parecer.

A nomeação dos Senadores é uma prova irrefragavel da infamia e traição do I. e da fraqueza e abjecção do povo do Rio ; a escolha que o I. fizer não póde desagradar, porque os excluidos serão os Deputados, porque Manoel Jacinto e Ribeiro de Rezende serão Senadores pela Provincia de Minas, e Carneiro Leão contentar-se-ha em ver os cunhados empregados ; d'esta forma arranja-se tudo e a desgraça do Brazil consumma-se. Num tal estado de crise, todo o silencio é criminoso ; é pois de necessidade que se inteire ao Brazil de tudo o que contra elle se trama, e d'esta forma paga-se a divida de bom filho.

Eu não creio nas noticias de Pernambuco por ora, porque vieram de envolta com as do Pará, que com elle não tem relações algumas.

Não será antes natural que similhantes noticias sejam forjadas para beneficiar e ultimar o emprestimo ? Deus o permitta.

Nas nomeações do Rio foi excluido o partido do Leão, etc., isto é, o maçonnico ; nas circumstancias actuaes foi um mal, e, se o partido maçonico tem alguma força, talvez possa produzir algumas desordens, que suspendam a sentença definitiva da escravidão do Brazil. É justo que Leão e seus sequazes chupem d'estas remessas, afim de se corrigirem para o futuro, se isto é possivel ; malditas sociedades secretas, que fizeram a desgraça de Portugal, da Hespanha e hoje da França, vendendo-se muitos dos seus membros aos des-

potas por seus interesses individuaes; eu os abandonei no Rio por esse motivo, e no *Tamoyo* os denunciei como ligados aos pés de chumbo, passo de que se arrependeriam, porem já tarde, aquelles que não tivessem perdido toda a idéa de probidade. Esperamos sem falta pelos dois papeis do Malagueta.

Saudades de toda a nossa familia a V. S.ª, seus filhos e aos Menezes.

Seu do coração

M. F. R. D'ANDRADA.

Ill.ᵐᵒ Am.ᵒ e Snr.

Bordeaux, 20 de Novembro
de 1824.

Por um repiquete das minhas antigas macacôas deixei de acudir logo ao reclame de V. S.ª, o que agora faço. Não me admira que no Mexico e no Egypto, cujas athmospheras abundam de substancias salinas acres, sejam as ophtalmias triviaes; espanto-me, porém, que ellas o sejam em Pariz, e que V. S.ª as soffra, vivendo rodeado de tantas flores, cujos aromas, devidamente applicados, são o melhor antidoto para similhantes inflamações. Ora, como o não supponho sujeito a caprichos, é de crer que as não abandone, e por isso razão tenho de lhe dar parabens pela sua melhora.

Passemos ao conteudo na sua carta e na do amigo Rocha, a quem ella é commum. Vi a submissão de Pernambuco ás forças de terra e mar; não creio, porém, que as tropas de Carvalho saqueassem no Recife casas de particulares; o saque é só proprio do victorioso, nunca do vencido; embora digam o contrario os papeis publicos, eu não os creio.

Eu esperava este resultado ha muito tempo, e só me admirava da tardança. Um povo não maduro para instituição alguma, amigo por habito do seu *beato far niente*, se em alguma occasião sahe da sua immobilidade bramanica, e se subleva, esmorece e desmaia apenas vê o chicote de seu senhor; é a revolta dos antigos escravos Scithas, e não é mais nada. O homem embrutecido não concebe em politica outra idéa além das de escravo e de senhor. Nós temos a prova d'isto nos Portuguezes e nos Brazileiros, que d'elles descendem.

As successivas conspirações contra João VI, que quer dar aos Portuguezes ao menos uma sombra de constituição; e no Brazil, ou a apathia de uns, ou a assiduidade de outros em proteger um governo, que a cada momento viola esta miseravel constituição, que havia jurado, são sobejos exemplos do que avanço. Em geral não ha liberdade sem amor de patria, não ha este sem paixões des-

interessadas; ora no Brazil, patria é palavra vasia de sentido: commendas, pensões, empregos, quero dizer, dinheiro, ou representação é tudo; logo o Brazil é feito para continuar escravo, embora algumas almas generosas trabalhem pelo contrario.

Vi o *Annuaire historique*; se estivessemos em outro paiz, já teriamos refutado com razões e documentos sem replica um similhante tecido de falsidades; mas na situação em que nos achamos neste paiz, é impossivel: reservemos esta resposta para tempo mais favoravel. A proposito d'isto, o redactor do *Morning* já publicou aquella carta do Rio sobre o decantado emprestimo? Suspeito que os Brazileiros degenerados, incumbidos de forjar cadêas para sua patria, são tambem omnipotentes em Londres: tire-me de similhantes duvidas.

Não entendo o Fr. Patricio, quando diz que o seu voto valia 800 mil libras; quererá dar a entender que era mister compral-o para votar conforme aos ajustes entre os commissarios B. e D.? ou que os merecia, por se haver opposto á perfidia dos nossos commissarios, e dar assim tempo aos Brazileiros de consolidarem sua independencia? Qualquer que seja a verdadeira interpretação do sentido, persuado-me que em todos os casos não valia a pena compral-o, porque os Brazileiros são capazes de conquistar sua independencia e sua liberdade, ou não são; no primeiro caso requer-se união, força e constancia; para o segundo, o dinheiro de nada serve.

Como, pelo que aconteceu com as nossas cartas no Havre, receio que os nossos agentes trabalhem sempre para haver á mão, tanto as nossas cartas, que vão para o Brazil, como as que de lá nos vierem; por isso rogo a V. S.ª que a saber alguma cousa do Rio por este navio chegado ao Havre no dia 10 d'este mez, nol-o communique.

Recommende-me mui saudosamente ao amigo Rocha, a seu Mano e ao bom Juvencio. Adeus meu caro; tenha saude e queira bem ao

Seu am.º fiel.

M. F. R. d'A.

P. S. Iguaes saudades de meus Manos e de toda a nossa familia. Esta carta foi fechada com tres obreias e sellada com uma moeda de 10 soldos.

Ill.mo Am.º e Snr,

Estimo que V. S.ª tenha gosado feliz saude e desfructado os prazeres que offerece esse paiz.

Como me consta que recebera volumosas cartas do Rio de Janeiro, e por aqui corre que a nossa devassa baixára á Relação, a qual sustentára a celebre

pronuncia do devassante; que demais fomos citados por editos, etc., rogo-lhe que sem perda de tempo, se o não comprometto, me informe com toda a miudeza do estado d'este nosso negocio, dos passos que já tem dado e que vai a dar. Conto com a brevidade da sua resposta a este respeito.

Aproveito a presente occasião para participar-lhe de que me acho com um segundo filho, que já foi baptisado e se chama José Bonifacio. E' um novo criado com que deve contar.

Acceite saudades de toda a nossa familia e creia que sou

Seu am.° fiel

M. F. R. d'Andrada.

Bordeaux, 20 de Dezembro de 1827.

Ill.mo Am.o e Snr.

Bordeaux, 18 de Janeiro
de 1828.

Accuso a recepção da carta de V. S.ª, e sem perda de tempo a ella respondo. Fico inteirado de todos os procedimentos praticados pelos mui burros e patifes Magistrados do Rio na celeberrima devassa sobre o Redactor e Collaboradores do *Tamoyo*: deviam citar-nos por carta e dar-nos o tempo de um anno para comparecermos; citaram-nos por editos, e deram-nos seis mezes; queriam-nos ausentes para poderem mais facilmente perder-nos: enganaram-se; a noticia chegou a nossos ouvidos, e lá nos verão brevemente. Além d'esta primeira violação de lei, ha as seguintes;

Abusos de imprensa não são objecto de devassa; não ha devassa, logo não ha pronuncia; constituiram-se incompetentemente nossos juizes, porque abusos de imprensa pertencem, e só podem ser conhecidos pelos jurados: quantas violações commettidas por essa infame cafila de carrascos e escravos, a que no Rio se dá injustamente o nome de Magistrados! Eu disse que brevemente lá nos verão, porque já estamos cuidando em tirar os nossos passaportes e mais arranjos para partirmos d'aqui em começos de Abril, em um barco do Balguerie, que sahe d'aqui por este tempo: esta nossa resolução espero que o meu amigo a não communique a pessoa alguma. Seu Mano engana-se (ou o enganaram) quando lhe pede procuração bastante para o defender; os casos crimes não admittem iguaes procurações; é o proprio accusado quem deve defender-se. Parece-me que a sua honra e a lei pedem o seu comparecimento, e que deve então ir munido do numero do *Courier* e outros papeis, que elle lhe lembra. A Memoria, de que falla, não tem logar agora, e só sim no fim do processo, ou depois da sentença, isto é, depois da violação final da lei. O nosso pri-

meiro passo, chegados ao Rio, é aggravar da injusta pronuncia, e, quando o aggravo não seja attendido, então entraremos na defeza dos casos incriminados que competirem a cada um de nós, mas ao mesmo tempo recorrer á Camara dos Deputados, para que faça executar a lei, isto é, para que compareçamos perante os nossos Juizes, os Jurados; e é por isso que pretendemos partir em Abril. Se o meu amigo tomar a resolução de tambem comparecer ou não, em todo o caso pode com toda a segurança declarar os artigos com que concorremos eu, Antonio e José, se alguns d'elles forem incriminados, porque nenhum de nós é capaz de negar aquillo que fez. Neste correio Antonio escreve ao Rocha, pedindo um extracto dos artigos incriminados, a pronuncia, sustentação da Relação e etc.

O meu 2º Tamoyo, Josésinho, tem pouco mais ou menos a mesma formação de cara que o Martim, é claro como um homem do Norte, é forte e muito gordo, e a meu ver muito lindo; mas os olhos de um pai são parciaes, e por isso dê o desconto que julgar necessario.

Todas as Senhoras d'esta casa e da de Sª Gomes se lhe recommendam saudosas; José e Antonio fazem o mesmo e pedem que aceite esta por sua.

Adeus, meu caro; sou com toda a verdade

Seu am.º fiel e inalteravel

M. F. R. d'Andrada.

P. S. Ainda quando succeda que o processo esteja findo á nossa chegada, nosso comparecimento o annulla na fórma da lei.

(Parece letra de Antonio Carlos)

Meu caro.

Martim disse bem, excepto só em que pode o accusado [illegible] por procuração por provisão do Desembargo; mas isto é só no caso de livramento ordinario, e não summario, como é o nosso.

Mon cher.

Respondo ao artigo que me diz respeito da sua carta hontem recebida. Attentas as minhas circumstancias actuaes, sou, como nas traições antecedentes, forçado tambem ao silencio a respeito dos artigos addicionaes ao Tratado de reconhecimento; posso porém dizer-lhe minhas opiniões, e é o que

iaço. Os ditos artigos são: 1º uma violação de não menos dois artigos da Constituição Brazileira, um relativo aos tratados em que entrar indemnidade pecuniaria e o outro aos emprestimos, os quaes ambos exigem ou votação ou approvação prévia das Camaras; por conseguinte, os artigos addicionaes são nullos; 2º são fraudulentos, porque pelo tratado mandou-se criar uma commissão encarregada do conhecimento das perdas que cada uma das nações houvesse feito durante a guerra, e da indemnidade que houvesse, depois do exame, de competir ou a uma ou a outra Nação, e só depois de passado um anno, quando os commissarios se não houvessem ajustado, é que o Ministro Inglez, segundo a minha lembrança, poderia intervir na decisão; ora, os artigos são datados do mesmo mez que o tratado, lógo é fraude; e além d'isso a mais infame zombaria do povo brazileiro; eis o que soffre todo o povo estupido e sem energia; 3º determinam não uma indemnidade, mas um roubo manifesto; porque pelo Tratado se mandou restituir todas as propriedades sequestradas, porque foram entregues todas as tomadias feitas pela nossa esquadra, primeira origem das contestações com Cochrane; e se alguns barcos de guerra portuguezes nos ficaram, ficaram mais que compensados com a Fragata Constituição e outros que nos levaram da Bahia, com os engenhos e casas que incendiaram na dita provincia, com as pratas das Igrejas que levaram, etc.; 4º são finalmente injuriosos até ao monstro, que se diz I. do Brazil, pelo haver sacrificado a Portugal; na época do Tratado e artigos, isto é, antes da abdicação, quando a independencia do Brazil era de algum modo mais nominal que real; depois da abdicação, porque fazendo este sacrificio á opinião dominante dos seus subditos brazileiros, não havia mister de ajuntar a elle o de vinte milhões de cruzados, e d'esta forma punir e deshonrar a Nação, que preferiu governar.

Pergunta-me se o Brazil pode pagar a divida contrahida pelos dois emprestimos? Respondo que sim, porque um paiz tão abundante de recursos naturaes, e novo, é feito para apresentar um progresso sempre crescente de riquezas, logo que á testa do Ministerio e das Presidencias das Provincias apparecerem homens integros, amigos de sua patria e illuminados; logo que boas leis economicas, e estas executadas, desenvolverem todos os mananciaes de nossa riqueza; logo que na nossa administração financeira houver uma exacta contabilidade, a possivel parcimonia ou economia no emprego das nossas rendas e um bom systema de arrecadação das mesmas; logo finalmente que ao methodo de contractar as nossas rendas, synonymo de monopolio, de oppressão dos povos e de prejuizo da fazenda publica, methodo talvez só possivel nos governos despoticos, succeder o de as administrar segundo os bons principios de economia publica, e á testa de taes administrações estiverem homens capazes e entendidos na materia, como durante o meu Ministerio comecei a praticar na provincia do Rio e algumas outras. Poderá porém o Brazil pagar, na situação em que se acha? Respondo que não; porque, desde 16 de Julho de 1823, sendo o Ministerio e todos os altos empregos do go-

verno occupados por ladrões conhecidos de antiga data, e por traidores; estes, para manterem a si e a actual forma de cousas, se vêem continuamente forçados a uma prodigalidade voluntaria e necessaria; voluntaria, criando novos empregos, impostos, e dando novos ordenados ou soldos para augmentar o numero de suas creaturas; necessaria, augmentando o numero das Tropas e armando Esquadras, para sufocar commoções internas e fazer face á guerra externa. Ora, tudo isto é provado *a posteriori*: em 30 de Outubro, o Ministerio fez um grande despacho militar, e augmentou a despeza d'esta classe só no Rio de 40 contos annuaes, porque queria ter Tropas que o coadjuvassem na dissolução da Assembléa e deportação dos Deputados; depois d'este golpe d'Estado augmentou o soldo das Tropas e ordenados dos Magistrados, e encheu a Alfandega de immensos Empregados superfluos; o mesmo praticou nas secretarias e em todas as administrações; sem nenhuma relação com os Estados da Europa, porque sua politica deve ser toda americana, sem nenhum commercio externo, e só com o simples de cabotagem, tem provido os portos da Europa de consules, e as capitaes de Agentes diplomaticos; agitado finalmente pelas desordens de Pernambuco, Ceará e outras Provincias, e ultimamente pela guerra com a Republica de Buenos-Ayres, o Ministerio tem creado differentes batalhões estrangeiros, augmentado as tropas nacionaes e armado novas esquadras, e d'est'arte esgotado os recursos nacionaes, e talvez tambem o emprestimo contrahido em Londres, o que se collige da falla do Throno na abertura das Camaras, reclamando a attenção das mesmas para as finanças do Estado. Pelo que fica dito, reconhecerá a impossibilidade de pagamento de similhante divida, emquanto durar este estado de cousas, e emquanto elle durar se não deve contar com melhoramento algum na administração financeira, como requer o bem do paiz.

Accrescentamentos á minha biographia:

Nascido em Junho de 1775, por conseguinte com 51 annos já completos. Conhecimentos de linguas, seis, entrando a materna, a saber: Latina, Ingleza, Franceza, Italiana, Hespanhola e Portugueza.

Escriptos scientificos apresentados ao Governo, mas ainda não impressos: as minhas Viagens mineralogicas, que fizeram conhecer todos os productos naturaes da provincia de S. Paulo; uma Memoria sobre as Minas de ferro de Sorocaba, de onde nasceu a creação da actual fabrica de ferro de Ypanema; outra dita sobre os meios de civilisar os indios dos Campos de Guarapuava, na mesma provincia; advirta-se que este estabelecimento está já muito adiantado; outra dita sobre o aproveitamento das mattas naturaes da mesma provincia á borda d'agua, e seu melhoramento, e sobre a possibilidade e utilidade do estabelecimento de construcções navaes ao pé das ditas mattas.

Podia ajuntar mais alguns outros trabalhos, mas, para quem não é muito vaidoso, basta o que tenho dito.

[illegible]

Esta carta é commum ao amigo Snr. Rocha; e por conseguinte acceite-a tambem por sua, e ambos recebam o coração saudoso

Seu am.º fiel

M.

Saudades aos Manos de um e aos filhos de outro.

Meu caro.

Folguei muito com a sua chegada a essa Côrte, e estimo que chegasse de saude; tive igual prazer com o saber que seu Mano se acha livre e no gozo do seu officio. Desejo agora saber o seguinte: 1º se a nossa pronuncia versa sobre os nossos escriptos no *Tamoyo*; 2º que é feito da Francisca e Marciana Carrão; 3º se é certa a prisão do Gervasio no Rio; 4º se da communicação com Thomaz Antonio pôde colher alguma cousa, que robustecesse as fortes probabilidades que todos nós temos do projecto, que a escuma dos Ministerios, digo o actual Ministerio do Brazil tinha de entregar-nos aos Portuguezes; 5º se Felisberto veiu para a Inglaterra em commissão e qual é esta; 6º quaes as Provincias que recusaram a actual Constituição; 7º se além de tudo isto sabe algumas novidades mais frescas do Rio. Eis os quesitos que por ora me lembram, e sobre os quaes desejava alguma resposta; se no correio de Paris houver alguma carta do Brazil para Mr. André, faça favor de a tirar e de m'a remetter. Nós por ora não pretendemos sahir de Bordeaux, e só quando tivermos de partir para o Rio é que iremos a vêr essa Côrte. Ora, logo que vejamos o Brazil mais seguro e tenhamos mais confiança na sua administração, isto é, logo que vejamos nossa patria curada dos ferros portuguezes, com que a pretendiam agrilhoar, partiremos immediatamente a defendermo-nos dos forjados crimes e accusarmos o Ministerio, etc., etc.

Meus irmãos recommendam-se muito e pedem que acceite esta por sua. Recado do

Seu am.º

M. F. R. d'Andrada.

Ill.mo Amigo e Senhor.

Accuso a recepção da carta de V. S.ª, e respondo dando-lhe os parabens por sabel-o escapo á cholera-morbus, que tantos estragos tem feito na velha Europa, ainda assim mais feliz do que o nosso Brazil, já quasi desmoronado ou cahido em pedaços.

Nós já não somos o que eramos; taboa por taboa tem sido arrancada do antigo edificio imperial, e é de temer que esta familia de innocentes orphãos não venha a ser victima, com o tempo, do furor de uns poucos de malvados empoleirados, apezar dos nossos esforços em querer salval-a. Monstros se apoderaram dos empregos, monstros que descaradamente tem exercido toda a especie de crimes. A capital não é mais a antiga cidade do Rio; a emigração a tem despovoado; o terror tem acabado com as reuniões e partidas, que concorriam a augmentar seus começos de sociabilidade; as lagrimas das familias, o sangue tantas vezes derramado, um enxame de espiões, as cadeias amontoadas de suspeitos e uma immoralidade sem freio, eis aqui os bens que descarregou sobre o Brazil uma administração de facinorosos, de ladrões e de estupidos. Tal é o quadro doloroso que eu posso offerecer á sua consideração. Longe da patria, seu coração se sangrará de dôr, mas não tanto como o meu, que nella existe.

Estou resolvido a não voltar ao Rio para a sessão futura, porque isto não tem remedio, porque quanto a mim, temos de passar por scenas ainda mais tristes que as dos nossos visinhos; portanto escreva-me para Santos, querendo, e creia que me suavisam suas lettras.

Eu acabo de escapar á morte, e sempre intrepido; José sempre debil, Antonio sempre forte, Gabriella bôa, e os mais filhos de saude; todos nós enviamos a V. S.ª um sem numero de saudosas lembranças.

Adeus, meu caro amigo; viva mais feliz e tranquillo, e persuada-se da cordeal affeição com que sou

De V. S.ª

Am.º fiel e saudoso

M. F. Ribeiro d'Andrada.

Rio, 8 de Junho de 1832.

Ill.mo Snr. Antonio de Menezes Vasconcellos Drummond.

Meu bom amigo, accuso a recepção da carta de V. S.ª e a ella respondo pelo portador da maior segurança e confiança, qual seu estimavel Mano e meu estimavel amigo. D'aqui mando lhe dou mil parabens por haver escapado aos estragos da cholera-morbus.

Nossa situação é a de todo o brazileiro honrado: é a mais critica possivel; o Brazil se desmoronou e caiu em ruinas. Eu seria demasiado extenso, se tentasse descrever o nosso estado; seu mano contar-lhe-ha por miudo as desgraças de nossa patria, e como bom cidadão ha de sentil-as.

Adeus, meu caro; vive mais feliz e tranquillo do que eu; dê-me sempre as suas ordens, enquanto me souber em vida, e persuada-se da sincera estima e cordeal veneração que tributa

A V. Sª

Seu amº certo e sempre lembrado

M. F. Ribeiro d'Andrada.

Rio, 25 de Maio de 1833.

Ill.mo e Ex.mo Snr. Antonio de Menezes de Vasconcellos Drummond.

Pela sua carta, em data de Setembro, venho ao conhecimento de achar-se V. Ex.ª em Lisboa, e residente em um paiz theatro de centenas de desordens, e por isso não appetecivel. Agradeço o offerecimento de seus serviços, e desde já o acceito, encarregando-o da entrega com segurança da carta inclusa. Julgo superfluo fazer a V. Ex.ª um igual offerecimento, porque conhece a constancia do meu procedimento, e por isso não póde duvidar de que de longo tempo dispõe da minha vontade como propria.

Gabriella agradece os seus respeitosos cumprimentos, e lh'os retribue com identicos; e os meus dois pequenos, nunca olvidados do amor com que os tratava, o abraçam cordialmente.

Resta-me renovar-lhe os antigos protestos da consideração e estima com que fui, sou e serei eternamente

De V. Ex.ª

Patricio honrado e velho amigo,

Martim Francisco Ribeiro d'Andrada.

Santos, 28 de Dezembro de 1838.

P. S. Espero se não descuide de obter a certidão de uma pensão, que foi concedida a meu prezado irmão José, hoje fallecido, na volta de sua viagem, sobre a qual seu irmão extensamente lhe escrevia por pedido meu.

Am.° e Sr. Menezes.

Agradeço a sua lembrança e respondo á parte da carta que se dirigia a mim. Só crianças é que podem esperar, no estado actual do Brazil, pelo levantamento do interdicto, que por aqui nos temos desenganado; nós não podemos voltar se não quando o monstro ou tiver consolidado o seu despotismo, ou tiver sido botado fóra do paiz; qualquer d'estes casos pede bastante tempo, logo é loucura contar com o nosso prompto regresso; mas no caso de verificar-se, e consolidar-se o despotismo no Brazil, qual é o brazileiro livre e que trabalhou pela reforma e felicidade do seu paiz que queira voltar a elle?

Não me obriga a rir sómente o Pedra-branca; todos os novos grandes do novo Imperio fazem rir; são de certo inferiores aos grandes do Rei Christophe.

Basta por ora: o amigo Rocha acceite esta por sua; recommende-me a seu Mano, ao Innocencio e Juvencio, e por ultimo o coração sincero de

Seu am.°

M. F. R. d'Andrada.



III

ANTONIO CARLOS RIBEIRO DE ANDRADA MACHADO E SILVA

Martim

Já saberás a esta hora o successo de Pernambuco. No dia 6 do corrente, estando eu de correição, levantou Pernambuco a bandeira da independencia, e o conseguiu, tendo nisto grande parte a fraqueza do general Caetano Pinto. Fui chamado pelo novo Governo, e cheguei no dia 9, e tenho assistido á mór parte dos Conselhos. Este successo tem sido muito applaudido pelo Povo; eu tenho porém um grande desgosto com elle, que é o nos vermos separados, talvez para sempre. O destino assim o quer, que remedio! Particulares e autoridades, tudo tem reconhecido o novo Governo e a fórma republicana.

Participa á nossa mãe estas noticias; tem porém cuidado em tranquillisal-a a meu respeito. Tu bem sabes quanto geito é preciso para que estas novas a não alterem, visto a sua grande idade.

Adeus. Saudades aos amigos Marianno, Belchior e Rodrigues. Sou

teu irmão e amigo

ANTONIO CARLOS.

Pernambuco, 29 de Março
de 1817.

P. S. Acabo de vir do Conselho, assombrado de ver a immensa tropa que baixa do interior; ha já mais de seis mil homens de tropa regular, e deve montar a 10 mil, o que com as milicias e ordenanças formará um exercito de 30 mil. O systema de administração de justiça está se reformando; as Ouvidorias vão abaixo, nisso perdendo o meu logar, além do risco de perder o officio que tenho em S. Paulo. Sinto, mas tenho paciencia. Dá-me noticias tuas

---

Caro Snr. Menezes.

Não respondi á sua por occupação, e agora o faço agradecendo-lhe a lembrança que de mim tem.

Eu por aqui contava demorar-me por mil razões, entre outras o estado avançado da prenhez de minha mulher; mas hontem recebemos intimação do Maire para escolhermos algum logar do interior para residencia; resistimos e

fizemos uma representação séria a este respeito; veremos a decisão do Governo Francez. E' espantosa a desaforada Canalha Franceza; eu a detesto, e só razões de economia é que me fazem demorar nesta terra inhospita. V. S.ª falla-me em Londres; mas diga-me, como poderia eu alli passar com uma familia numerosa e com pouco dinheiro. Certo, se eu pudesse, preferiria Inglaterra á França; mas não posso, paciencia. Do Brazil até agora não tenho recebido cartas, o que me assombra; creio que se me tiram lá as cartas. Se eu receber alguns dinheiros irei a Pariz, assim que o permittir o estado de minha mulher. Nós dirigimos ao *Monitor* e ao *Constitucional* uma nota semelhante á que puzemos no Indicador de Bordéos; esta nota não tem apparecido; póde ser que se precise algum pagamento para isto, procure primeiramente o redactor do *Monitor*, e obrigue-o a que ponha a dita nota, e caso seja preciso pagar a inserção pague; e se no *Monitor* não quizerem pôr, faça-a pôr no *Constitucional*, e caso ponham, deverá ficar com alguns numeros para se mandarem ao Brazil. O que pagar avisará para ser embolsado.

Adeus; lembranças de meus manos e do Belchior.

Am.º e obr.º

Antonio Carlos.

Bordéos, 21 de Julho
de 1824.

Rua Condillac n. 49.

Cor.mo Am.º e Sr.

Bordéos, 18 de Setembro
(1824)

Não respondi a sua de 26 do passado, esperando ter que lhe dizer de novo, e na verdade alguma cousa agora ha. Por cartas de S. Thomaz de Vigo se nos avisa que o maroto do Imperador, por um decreto, nos permitte a volta para o Brazil; creio que é a todos os deportados e fugitivos. Esta noticia deu um navio, que chegou ao Porto, vindo do Rio, e pela mesma via recebemos o seguinte soneto, que se attribue a um dos deportados de novo na minha Provincia, o qual lhe copio, e póde d'elle fazer o uso que lhe parecer.

SONETO

Si Musa vetat facit indignatio versus.
— Juvenal.

As artes de Tiberio astutamente
Em vão pretendes imitar ufano;
Em vão pretendes, perfido Tyranno,
Escravisar a Brazileira Gente.

Poço de crimes, de luxuria ingente
És um Nero, não és um Solimano;
Foste traidor ao Reino Lusitano
E queres sel-o ao Imperio do Occidente.

Contra ti o punhal já vibra a morte,
Já conhecido estás, findou o encanto,
Já vinganças fulmina o Povo forte.

Vil escravo do Throno, despe o manto,
Mão filho, mão amigo, mão consorte.
Serás do mundo inteiro horror e espanto.

Que tal? Eu duvido crer a noticia, e certa que seja, não voltarei ao Brasil senão para salvar a minha patria, no que não acho por emquanto geito, visto o socego das Provincias do Sul. Queira Deus que Pernambuco se una e resista, e que a covarde Provincia emfim se resolva; sem isto estamos perdidos. Repare na eleição para o Senado do Rio; que desaforo! Todos os traidores são os eleitos.

O que é engraçado é que quem quer que mandou pôr nos papeis francezes a falsa noticia da união da Assemblêa, não reparasse que em 18 de Junho ainda o Imperador não tinha escolhido dos 12 nomeados senadores pelo Rio os quatro que devem ficar, e que assim se desmascarava a mentira da reunião de um corpo, cujos membros ainda não existiam legalmente, mesmo na capital, quanto mais nas outras provincias. Se a noticia é, como creio, do Borges, tambem o julgo capaz de forjar a carta a José; é verdade que é mais natural andem nisto antes o patife do Gameiro e o grande Felisberto. Vamos á sua carta ultima; não me admirou a conducta do *Constitucional* e *Monitor*, bem que este era pelas leis de França obrigado a inserir a refutação d'aquillo que havia accusado de calumnioso na sua folha, embora copiasse de outrem; muito menos me escandalisou a conducta da censura; tudo é digno d'este governo e d'este polido!!! povo. Eu só o que desejo é ver-me d'aqui fóra para pintar

esta Nação, que tanto nos engana no Brasil. Quanto á insinuação da nossa remoção para a Inglaterra, boa é, mas como mexer-nos d'aqui sem dinheiro?

Eu estou esperando por dias o bom successo de minha mulher, e depois talvez me resolvesse a ir até Paris, mas estou para isso mesmo preso pela bolsa. E' espantoso virem continuamente navios ao Havre, sahidos do Rio, e não termos nem um bilhete! Bem os tempos mudam; talvez ainda nos busquem, se são boas noites. Approvo a traducção do Common Sense, e mesmo seria bom que o acompanhasse a American Crisis do mesmo autor; que tudo é applicavel ao Brasil. O segundo papel deve ser precedido de um prefacio, em que se mostre que da conducta energica do Povo Brazileiro nas actuaes conjuncturas pende o seu destino futuro e a resolução do grande problema da sua emancipação e liberdade.

Meu amigo, cumpre abrir os olhos ao Brasil sobre a sua situação, sobre as ciladas que lhe arma o Imperador, sobre os seus traidores commissarios de Londres, sem poupar-lhes as vidas e caracteres, enfim, nada poupar para desacreditar a cafila de marotos; isto talvez se pudesse fazer por cartas nos jornaes inglezes, que se dissessem recebidas do Brasil; e como V. S.ª tem correspondente seguro, ninguem descobriria a fonte. Quanto aos retratos ainda persistimos na recusação, o Brasil por emquanto nada nos merece; se o amamos é de amor em graça; demais não é bom dar que dizer sobre nossa vaidade aos marotos do Governo. Accresce mesmo que era talvez excitar rivalidades que não queremos. Ora pois, d'esta vez se não ha de queixar que escrevo pouco. Recommende-me a seu mano. O Rocha que receba esta por sua, e que responda se tem feito algumas indagações sobre a carta de José; que se não entregue todo á moça de Paris.

Elle e seus meninos que recebam saudades das senhoras, assim como V. S.ª e seu mano, a quem todos se recommendam. Pergunto eu, depois do novo artigo falso, que certo é do Borges, ainda creem tanto nelle? Eu desconfio.

Rocha.

Homem de Deus, deixa-te de namoros, olha que estás desterrado e que vives contra a vontade de teu amigo o Imperador. O tempo que gastas mal em sacrificios a Venus, emprega melhor em orações e acções de graças ao bom Jesus, por te livrar das mãos dos Portuguezes, e para que te proteja contra os ardis da policia franceza. Cuido que para a semana te darei novas do meu recemnascido; Anninha está já mui pesada e com dores de quando em quando, e eu com cuidado emquanto ella não dá a luz. Que fazem o Innocencio e o Juvencio? Applicam-se? Dou-lhes recommendações.

Adeus; todo do

Am.º

A. C. R. d'Andrada.

Mui Snr. meu.

Recebi a sua ultima, e, como me pede o meu parecer para se decidir a jurar ou não jurar, cumpre-me fallar-lhe com franqueza, e dizer-lhe que tal conselho é d'aquelles em que só os proprios interessados são os juizes verdadeiros; é V. S.ª quem melhor do que ninguem conhece as suas circumstancias, o que arrisca em não jurar, e o que pode ganhar em o fazer; se tem que temer em voltar ao Brasil, ou não, e se ha ou não inconsequencia e leveza em resolução posterior, attenta a declaração anterior.

Segundo a resposta da sua razão e consciencia é que se deve dirigir; bem entendido que, qualquer que seja a sua resolução, os seus amigos não têm nem devem ter que objectar, visto lhes serem de necessidade estranhos os motivos que o decidiram.

Rocha.

Recebi as tuas anteriores e a ultima, e por essa vejo que te resolveste a jurar com teus filhos a Constituição do Brasil, que ao principio recusáras. O motivo, que te obrigou, pareceu-me frivolo, pois não implicava que teu filho jurasse e tu não o fizesses; mas tu podes ter outras razões que te movessem, e, fossem ellas quaes fossem, não pertence a um amigo, e tolerante como eu sou, o decidir contra. Dentro vae uma carta para meu sogro, que o Innocencio fará remetter a Santos, e uma procuração de José, que o Innocencio entregará ao Marianno. José diz ao amigo Menezes que póde continuar a abonal-o, e que, como elle não quer que só dê o dinheiro á mulher, é sempre bom que lhe mande dizer o preço, para elle ver se por outra via lhe póde mandar. Eu não espero tanto mal a Manoel de Carvalho, pois não creio tanto em testemunhos parciaes. Seja o que fôr, nunca será tão facil como lhe dizem.

Rocha e Menezes.

Pariu minha mulher uma menina a 30 do mez passado, depois de um trabalhoso parto, e ainda depois teve as pareas dentro 33 horas, de fórma que já estavam podres; ella fica de cama, e eu, ainda que mais desassombrado, muito inquieto, pois perderia nella a unica consolação que me resta.

A pequena foi apresentada á Communa debaixo do nome de — Brasilia Antonietta, em lembrança da patria e do pae. Fiquei enganado, esperava um rapaz e sahiu-me uma panella rachada. Se fosse rapaz chamar-se-hia—Americo Miroluso, para marcar que era filho de Andrada Brasileiro, *e que o odio aos Europeus será em minha familia indelevel.*

Adeus, Snrs. meus; lembranças de todos e a todos, principalmente ao que parte.

Bordéos, 4 de Outubro (*de 1829*).

Am.º

Antonio Carlos Ribeiro de Andrada.

Am.º e Snr. Rocha.

Depois de um longo intervallo recebo a sua, e vejo o novo desafore que se nos faz; isto vem da agente do Governo Brasileiro. Eu vejo que tudo é dirigido particularmente contra mim, Martim e Drummond, e que os mais são mais poupados, pois entregaram o que pertencia a V. S.ª a José, e a Belchior e, se escapou a minha carta a A. P. F., foi por ir com as suas e confundirem-a assim. Eu escrevo ao Borges e cuido que elle não gostará do tom. A ida do P. d'A. a Orleans era para sondar a Montezuma. Os esforços do Muniz são bem conjecturados por V. S.ª

Elle não respondeu á carta que lhe escrevi; cuido que lhe não agradou o tom; bom é que se dê a conhecer. Avise, se receber as cartas e procurações apprehendidas. Em que paiz estamos?

O peior é que minha mulher está de cama muito mal dos peitos, e que tive de tomar ama para a menina, o que aqui custa 800 francos. As desgraças nos perseguem de envolta com as maroteiras do Governo Imperial.

Am.º e Snr. Drummond.

Em verdade eu entendi que a sua questão versava sobre se devia ou não jurar a Constituição, e neste caso dei a resposta que entendia dever dar-lhe: se V. S.ª entendesse que podia com segurança regressar ao Brasil, era de necessidade o juramento, pois talvez esta condescendencia o podesse livrar dos insultos, que, a meu ver, lá o aguardam. Se porém não devesse ainda partir, o juramento era inconsiderado, quando uma parte do Brasil ainda não adoptava tal Constituição. Ora, o que me parece que V. S.ª deve dizer a seu mano é que, no estado de criminalidade em que o puzeram inimigos, e que não tendo segurança para sua pessoa, e por isso sendo-lhe ainda impossivel voltar, em consequencia jurar a Constituição; mas que se não recusaria a fazel-o, uma vez que não existisse cousa que lhe estorvasse a sua volta, e isto com segurança sua.

D'este modo não se nega, dá-se esperanças, e até que seja obrigado a fazer o promettido juramento o mundo dá muitas voltas. Tome cuidado em si; nós aqui temos o maior cuidado, porém asseguro-lhe que só a necessidade me obriga a estar neste inferno. O estado de minha mulher e filha e a falta de meios é só quem aqui me retem. Mas estou tão desconfiado d'este governo que já me lembro que talvez até nos neguem a sahida, e nos retenham prisioneiros. Tudo ha que temer do Governo Francez.

Meus Senhores.

Sejam felizes, recommendem-me ao Juvencio, e não nos demorem noticias do Brasil, caso as tenham, sejam de que natureza forem; pois nós aqui estamos no deserto.

Bordéus, 26 de Outubro
de 1824

Am.º e C.
A. C. R. d'Andrada.

Charissimos.

Bordeaux, 4 de Novembro
de 1824.

Em resposta á sua de 31 do passado, tenho de reconhecer ao amigo Rocha que de facto entendi mal a sua, o que sinto, pois melhor nos era a todos que alguem fosse menos suspeito, para debaixo da capa d'esse podermos com segurança communicar com as nossas familias.

Declaro mais ao amigo Rocha que não escrevi ao Borges, bem que ao principio o quizesse fazer; julguei melhor não dar confianças a esse bregeiro, que sem duvida foi o promotor occulto do desfeito que se nos fez. Em nenhum caso faço que vissem as minhas cartas; ellas, além do relatorio da entrega, nada mais continham senão cousas familiares. Quanto ao Muniz nada me admira já: eu escrevi a esse heroe respondendo á sua primeira; ainda me não replicou, talvez porque lhe não agradou o conteúdo; é verdade que eu não puz o endereço pelo não saber; mas devia saber por ti, Rocha. De Brasileiros nenhuma marotice espanta, á vista do que temos experimentado.

Se o *Jornal Popular* merecer a pena, o que duvido, pois ambos os heroes eram inimigos do Brasil, talvez se lhes mande alguma cousa sobre o emprestimo, etc. Por fallar em emprestimo, Snr. Menezes, que foi feito do que mandou inserir no *Morning*? Sabemos por cá todas as noticias em que nos fallam, e mais uma (que não creio), mas que veiu na *Gazeta de Cadiz* e o *Jornal de Paris* tambem apresentou como correspondencia de Madrid; e vem a ser que no dia 20 de Agosto houve no Rio uma revolução, em que foi deposto o Imperador.

Esta noticia deu um navio vindo do Rio a Gibraltar com 34 dias de viagem. Custa-me a crer, mas peço que averiguem com geito o que deu motivo a tal noticia vaga; o relatorio de Edwards preparava-nos para ver desordens; queira Deus que assim não fosse. Minha mulher ainda está de cama e mui doente, a pequena porém vae mui boa.

Todos nós nos recommendamos a todos os amigos das familias Rocha e Drummond. Farei ler a José a parte da carta que lhe diz respeito, e communicarei o que elle disser. Esta agora vae ao Snr. Menezes para guardar igualmente, bem que estando juntos, cada carta que eu escrever a ambos é dirigida, bem que com sobrescripto a um só. Sinto que o incommodo dos olhos continue ao amigo Menezes.

Adeus; lembranças de todos. José já está na cidade.

Am.º deveras,

A. C. R. d'Andrada.

Am.os Rocha e Menezes.

Como estão calados, o que me admira, vou perguntar-lhes cousas que me importam.

Digam-me se já mandaram a minha carta para o Rio, acompanhada dos papeis que levou o Snr. Menezes; isto depois de preparado tudo na fórma de direito e ficando-lhes na mão; o que não sei, visto que nem m'o participaram, nem mandaram os papeis que deviam ficar.

Quero saber o nome do boticario que foi com o David para Buenos-Ayres, isto é, o nome todo por extenso.

Quero mais saber o adresse de João de Albuquerque Maranhão, pois numa que me escreveu pôz a obreia no adresse em fórma que o não pude ler. O Basilio Torreão ainda está ahi?

Vi no *Courier* noticias do tratado do Brasil, e os senhores nada me dizem. Que é isto? D'onde vem semelhante silencio, quando d'antes nada deixavam de escrever-me? Estão medrosos ou descoroçoados? Menezes que entre os livros que lhe encommendei mande tambem os seguintes: *Biographie des romanciers célèbres*, par Sir Walter Scott, 4 v. in-12.º; *Sur l'éducation des jeunes filles*, par M.me Campan, 1 v.; *Du perfectionnement moral ou de l'éducation de soi même* par Degerando, 2 v.; *Principes du droit public en opposition avec le contract social*, par Noronbert, 1 v. 8.º; mas não me remetta os livros antes d'eu lhe avisar de Bordéos. Advirto que para 19 ou 20 parto para Bordéos, e que, se me não responderem logo para aqui, então escrevam para Bordéos com adresse: — Mr. A. C. R. d'Andrada, chez Mr. Fauché, rue de S.te Catherine, n.º 22, Bordeaux.

Adeus, meus caros; lembranças do Innocencio, Juvencio e Menezes medico, e recebam recommendações de todos os de casa.

Seu do c.

A. C. d'Andrada.

Mussidan, 8 de Outubro
de 1825.

Am.º e Snr.

Bordéos, 5 de Fevereiro
de 1826.

Como me pede o amigo opinião sobre a sua ida para Lisboa, é do meu dever dar-lh'a. Se seu irmão o tivesse antes consultado, talvez eu pensasse que V. S.ª devia recusar o estabelecimento proposto, não porque a sua honra soffresse, mas pelos desgostos, que não poderá evitar na actual situação das

cousas entre o Brasil e Portugal, e na sua particular. Será preciso que passe algum tempo, antes que arrefeça o odio entre a mãi e o filho, e que se esqueça que V. S.ª teve alguma parte na luta, que acabou com tanta desvantagem para Portugal. Mas uma vez que seu irmão adiantou-se a decidir, sem esperar a sua resolução, julgo de necessidade que V. S.ª se resigne e parta; o que porém é mister é que se furte nos começos a relações mais estreitas com a Nação, e que se entregue todo ao commercio. A protecção de Thomaz Antonio póde resguardal-o da má vontade do Governo, mas esta protecção póde acabar, e V. S.ª deve ter isto sempre em vista para seu governo. Eu espero que de lá nos communique o que nos diga respeito e ao pobre Brasil, pois em Portugal deve saber cousas que aqui se ignoram e que nos póde importar saber. Espero que antes de sua ida me envie a conta do que lhe estou a dever, e o modo por que quer ser embolsado, para o satisfazer.

Martim lhe agradece a lembrança e sente, assim como eu, a falta da sua pessoa neste desterro, em que talvez apodreçamos para sempre. Sou

Am.º e Obr.º

A. C. R. d'Andrada.

P. S. — Recommendações a seu mano.

Rocha.

Dou-te os meus pesames da perda que vaes soffrer pela falta do Menezes; a perda de um amigo é grande perda, e no teu caso a ausencia equivale á morte. Dou-te mais os pesames, assim como a mim, do nosso desterro eterno nesta terra estrangeira; pois, se o Menezes não tem esperanças de voltar ao Brasil, sem algum accidente extraordinario, que não é de esperar, que devemos nós esperar, a quem todos aborrecem. Todavia, ainda que tu não sejas talvez no teu caso, o que desejo; mas temo que te comprehendam na nossa prescripção.

Adeus, saudades ao Innocencio e Juvencio, minhas e de Anninha, que lhas envia tambem a ti.

Andrada.

Am.mo e Sñr.

Bordeaux, 20 de Fevereiro
de 1826.

Rocha.

Vi as novidades e dou-te os parabens do teu novo Principe; feliz Brasil, que não vê extinguir-se a raça masculina de tão bom Imperador. Bravo, que Ministerio!

Queira Deus que ao menos Pedro Dias possa pelo irmão conseguir-lhe a volta. Eu cuido que a estas horas as desordens são continuas no Brazil. Como o Tinoco cahiu na loucura de acceitar?

Tudo nos negocios de nossa patria são para mim enigmas. Póde ser que a infeliz derrota de Sarandi tenha sido seguida de outra igualmente funesta.

A Proclamação é peça curiosa; nunca vi tanta baixeza unida a tanta ignorancia.

Caro Snr. Menezes.

Recebi os livros; cuidarei em o seu embolso; advirto que o Degerando não veiu completo, e que faltam volumes para completar a obra; que devem vir, pois não convem obra incompleta.

Ri com a lembrança da missão, que lhe suppoziam no Brasil, e talvez que mesmo por ahi lhe attribuam iguaes fins. Ha tudo que esperar de Brasileiros estupidos.

Chegou a Cecilia do Rio e não tivemos cartas; se souberem de novo cousa que interesse me communiquem. Approvo a sua demora; prudencia é a primeira das virtudes.

Saudades a todos; ao mano, Innocencio e Juvencio. Brasilia começa a andar e fallar; o capitão vae bem e forte.

Am.º do C.

A. C. R. d'Andrada.

Carissimo Snr. Menezes.

Recebi os livros, e só faltou a obra de Madame Campan, *Sur l'éducation des jeunes filles*, a qual desejo que me envie, assim como tambem as seguintes obras mais: *Manuel Biographique*, 1 v. in-18, chez Roret, e tambem: *Le nouveau Géographe manuel* par Villiers, 1 v.— *Histoire comparée des systèmes de Philosophie*, par Degerando, 2ª edição, ou outra mais moderna se já houver.—*Esprit, origine et progrès des institutions judiciaires des principaux peuples de l'Europe*, par I. D. Meyer, 5 v. in-8º, Paris, 1823, chez Dufour et d'Ocagne. Igualmente quero que subscreva para a continuação da obra de Guigniau, que me enviou, afim de que não fique só com o primeiro volume, quando ella deve constar de 5 ou 6. Os livros venham encadernados como os que vieram. Recebi tambem da Snr.ª D. Narcisa um par de pentes, e o preço, tanto do par de pentes como dos livros, desejo saber para lhe mandar entregar sua importancia.

Brasilia lhe agradece a boneca, que é muito bonita. Sim senhor, por cá

estaremos ainda por longo tempo, mas não para sempre; tudo muda, excepto o homem constante.

Cá por mim não se me dá da demora, pois não tinha tenção de aproveitar-me da permissão.

. Queira Deus que nos vão pagando, pois de outro modo não sei como passaremos, e infelizmente pelas cartas do Mariano sabemos que estão já atrazados dois quarteis. Que riso me causou a pabolagem do Pedro Branco! Porém ainda mais ousado é o atrevimento com que se chama Franklin num soneto, que encaixou nas suas impoeticas poesias. Que impudencia! Adeus, meu caro; basta de fallar em Brasil. Recommende-me a seu irmão.

Am.º e Sôr. Rocha.

Vi as asneiras do Calmon; são despropositos de menino de escola, e a não ser baixeza, bastavam para seu castigo palmatoadas; porém nada sobeja para punir um patife que mente, atraiçôa e approva a anniquilação de um corpo, de que foi membro, ainda que indigno. Que farelorios de despachos, bom Deus. Lembrou-me fazer uma biographia dos novos nobres e do ministerio, á imitação de uma que ahi sahiu dos Ministros; seria obra engraçada; mas vejo que me não convém por emquanto; tempo virá. Quanto aos papeis meus que lá tem, seria bom esperar portador seguro; e o preço das despezas, que lá fez, mande-me dizer para lhe enviar, quando mandar ao Menezes o dinheiro dos livros que me comprou. Saudades a seus filhos.

Am.º verdadr.º

A. C. R. d'Andrada.

Carissimo.

Bordéos, 8 de Julho de 1826.

Que chegasse bem estimarei. Que ha de novidades?

Cá vimos o despacho insolente de José para a Austria; não creio nelle e, se é certo, desaforo e mais desaforo. Queira enviar para a Bahia a carta inclusa, que leva uma procuração para um baptisado.

Se houver cousa que valha a pena, communique. Creia que sou

Seu amigo deveras.

Saudades ao Rocha, aos filhos, e ao mano, e receba muitas recommendações de toda esta casa.

Carissimo.

Bordéos, 10 de Março
de 1828.

Não temos recebido noticias suas ha tempos, e pelo Rocha sabemos que os não tem recebido nossas, o que nos assombra, pois lhe escrevemos. Eu

e Martim tomamos navio, *Le Vaillant,* e partimos a ... de Abril; o que lhe participo para seu governo, e dar-me as ordens que lhe parecer, as quaes cumprirei, se me não estorvar a policia do Rio. Se não acharmos tudo acabado, entraremos em prisão, e então não admire o nosso silencio; no outro caso, darei parte de mim. Na nossa defeza naturalmente encetarei a sua, tanto quanto o direito permittir. Adeus; seja feliz até nos vermos outra vez, se consentirem as nossas respectivas circumstancias.

Para França não volto mais; se a injustiça continuar, uma das novas Republicas da America será o meu asylo.

Sou

Am.º

A. C. R. d'Andrada.

P. S. — O grande besta do filho (?) de Antonio Luiz, novo encarregado nosso em Paris, teve o desaforo de escrever ao nosso vice-consul d'aqui para nos não firmar os passaportes, o que recusou o Balguerie; não seria máo fazer conhecer ao Mundo que, quando se nos cita para respondermos em uma chamada sedição, o Encarregado queria prohibir-nos o obedecer ás ordens da Magistratura; d'este modo sobresahiria melhor a iniquidade do Governo Brasileiro e o modo com que atraiçoam o Imperador, fazendo-o intervir num passo tão vergonhoso. Se lhe parecer faça-o.

Am.º e Sõr.

Em tudo e por tudo me remetto ao conteúdo da carta acima, e demais o abraço cordialmente, e peço as suas ordens para o Rio.

Martim.

Meu Caro Sõr,

Não respondi logo a sua carta por natural preguiça de escrever, e por nada ter que lhe dizer de importante. Agradeço o offerecimento de introducção para o Julien, mas não é preciso; para isto basta a minha apresentação.

Seu irmão lhe contará o attentado praticado no Rio contra José; isto naturalmente me demora por aqui mais algum tempo. Pela primavera conto ir para a Suissa, e talvez de lá passe á Italia.

Adeus; creia que sou

Seu amigo do C.

A. C. R. d'Andrada.

Paris, 10 de Março
de 1834.

IV

SOBRE A ABDICAÇÃO

Fragmento das memorias de Antonio de Menezes Vasconcellos de Drummond.

SOBRE A ABDICAÇÃO

Se o Imperador Pedro I foi constrangido a abdicar, ou se foi elle mesmo quem voluntariamente e muito de proposito provocou essa abdicação, é isto o que não está bem esclarecido. Não duvido porém que possa contribuir para esse esclarecimento a revelação do seguinte facto:

Pelo Natal de 1830, achando-me eu em Londres, fui convidado por José da Silva Carvalho para uma reunião em sua casa. Silva Carvalho achava-se então emigrado naquella capital. Alli compareci ás 8 horas da noite. A sociedade se compunha de portuguezes e hespanhóes, todos emigrados. Entre os portuguezes recordo-me de ver o padre Marcos; mas dos hespanhóes não posso lembrar-me hoje os nomes d'aquelles que me foram apresentados, dois dos quaes eram tratados com o titulo de generaes.

Supponho que um d'elles era o general Mina.

Ao chá, José da Silva Carvalho, prevalecendo-se da amizade que nos ligava desde 1824, quando ambos nos achavamos emigrados em Londres e Paris, disse-me que elles e seus amigos passavam a fazer-me uma revelação importante, que interessava tanto a Portugal como ao Brasil, para o triumpho da qual precisava do meu apoio e do apoio de todos os brasileiros liberaes.

Entrando em materia, discorreu mostrando que a causa da liberdade em Portugal estava perdida, e que sómente o Imperador do Brasil a podia salvar; que para isso era necessario que elle deixasse o Brasil para se ir pôr á testa dos negocios de Portugal. Que o Brasil ganhava em se ver livre d'elle, e que a causa da liberdade em Portugal ganhava tambem tendo um Principe á sua frente, optimo para uma revolução e pessimo para governar um Estado; e, finalmente, que os liberaes de Portugal depois do triumpho tambem o mandariam embora.

Disse que elles estavam em correspondencia com o Imperador D. Pedro por intermedio de Francisco Gomes da Silva e João da Rocha Pinto, e nessa occasião apresentou uma carta do mesmo Augusto Senhor ao primeiro dirigida. Que tinham mostrado ao Imperador a facilidade com a qual S. M. podia, servido pelos liberaes, se abandonasse o Brasil, unir Portugal á Hespanha, e ser acclamado Imperador da Peninsula. Que Francisco Gomes da Silva e João da Rocha Pinto apoiavam muito este projecto que lhes parecia muito bem; mas que o Imperador mostrava de sua parte uma grande indecisão; ora queria, ora duvidava e ora fazia observações, e que, para sahir quanto antes d'esse estado de perplexidade, convinha que os brazileiros fizessem alguma demonstração que o determinasse a tomar uma resolução repentina.

A carta do Imperador acima referida, que eu li e reconheci a letra e a assignatura, mostrava com effeito que o Imperador estava preoccupado e inde-

ciso sobre o que devia fazer. Não era explicito, mas uma idéa o dominava, e era a de ser taxado de ingrato ao Brasil.

Similhante inesperada revelação desconcertou-me completamente. Apenas pude dizer a José da Silva Carvalho que elle escolhia muito mal os seus amigos, se me julgava capaz de trahir ao meu paiz e ao meu soberano.

Silva Carvalho, como todos sabem, era um homem de um aspecto muito agradavel e de uma facilidade tal que tudo para elle era possivel; adquirira por isso entre os seus o titulo de *Mr. Facilité*. Nada o zangava, nada o affligia. Replicou como se eu nada lhe houvesse dito seriamente. A conversação sobre este assumpto tornou-se geral e eu procurei retirar-me.

No dia seguinte, veio Silva Carvalho á minha casa. Nós nos tratavamos de tu e vós. Veiu com a maior sem-ceremonia possivel, que é preciso ter conhecido aquelle caracter singular para o saber avaliar, a dizer-me que participasse eu aos meus amigos do Rio de Janeiro que o Imperador estava abalado, que lhe dessem um empurrão que elle se ia embora, ou por outra que fossem colhendo a corda (estas são as proprias palavras) que elle estendesse que em pouco tempo se veriam livres d'elle.

Poucos dias depois parti para Paris, sem saber o que era melhor fazer em similhante conjunctura. Todos os calculos me sahiam errados. Se pensava em dar parte do occorrido ao ministro dos negocios estrangeiros Francisco Carneiro de Campos, vinha-me logo a idéa que este homem, sendo naturalmente fraco e pusillanime, occultaria a minha carta e ficaria contra mim por lhe haver feito similhante revelação; se me lembrava de me dirigir directamente ao Imperador, via logo que o fazia sem resultado, porque estando elle no conluio não prestaria ouvidos ás minhas razões e ficaria contra mim por eu me achar de posse do seu segredo.

De hesitação em hesitação me demorei até os primeiros dias de Fevereiro, em que parti para Hamburgo, onde assentei de escrever a José Bonifacio de Andrada, a quem a mais estreita amizade me ligava, referindo todo o occorrido.

A minha carta chegou ás mãos d'aquelle illustre ancião, de saudosa memoria, depois do funesto dia 7 de Abril de 1831. José Bonifacio, sendo eleito deputado por S. Paulo, nas eleições que se seguiram ao acto da abdicação, referiu na Camara, occultando o nome do autor, todo o conteúdo da minha citada carta, levando em vista mostrar que o Imperador, enganado e illudido por falsos amigos, precipitára elle mesmo um acontecimento que não podia deixar de ser deploravel para elle e para o Brasil.

Os que assistiram á abdicação de 7 de Abril e conhecem todo o enredo d'aquella fatal peripecia ajuntem ao que já sabem estes pormenores, que acabo de contar, e ficarão então nas circumstancias de poder julgar com acerto se o Imperador Pedro I foi constrangido a abdicar, ou se foi elle mesmo que voluntariamente e muito de proposito provocou essa abdicação.
